

BRASIL AGORA

AFFONSO CAMARGO
UM MINISTRO ZEN:
ZEN GRAÇA, ZEN
JEITO E
ZEN IMPORTÂNCIA!



EXXTRAA: CRESCEM RUMORES
DE GOLPE NA VENEZUELA!



ANO I Nº 13

27 DE ABRIL A 10 DE MAIO DE 1992

CR\$ 2.500,00



ENTREVISTA

João Bosco fala de
seu último disco, de
política e de arte.

PÁG. 20

OS MARAJÁS DOS JUROS

O investimento estrangeiro no Brasil
tem destino certo: o mercado
financeiro, que engorda a inflação, os
banqueiros, credores internacionais,
exportadores e especuladores em geral.
Veja como nas **PÁGINAS 4 E 5.**



ESPECIAL

PT

PEQUENAS GRANDES ADMINISTRAÇÕES

Nas pequenas cidades administradas pelo PT,
apesar de todo o tipo de boicote pelos governos
estaduais e federal, o resultado tem sido
tão positivo que grupos rivais de direita
tentam se unir para enfrentar os candi-
datos petistas nas eleições de 1992.



Saldo positivo
nas pequenas
prefeituras
petistas

PÁGS. 7 A 14

PERU: cautela internacional e apatia popular favorecem golpistas. PÁG. 17

Pequenas cidades, grandes governos

Longe de ser uma aposta no futuro do Brasil, o fluxo de capitais que tem ingressado mais recentemente no país assemelha-se a fogo de palha: trata-se de aplicações de curto prazo, atraídas pelos juros mais elevados do mundo que se pagam por aqui. Para ampliar a capacidade de pagamento da dívida externa —coluna-mestra da política econômica oficial—, o governo compra dólares maciçamente, inchando as reservas e engordando a dívida interna. O endividamento do país, sob o governo dos banqueiros, é o tema da reportagem de capa desta edição (páginas 4 e 5).

A partir deste número, **Brasil Agora** passa a ser impresso em papel jornal Rioprint para permitir, sem prejuízo da qualidade, uma leve redução dos custos editoriais, permanentemente pressionados pela in-

flação descontrolada à qual não estamos imunes. Com novo papel, ainda em caráter experimental: 20 páginas, em vez das 16 tradicionais, para acolher um especial sobre as pequenas prefeituras petistas ("Pequenas grandes administrações"), que começa na página 7.

Com a seção "Diálogo" cada vez mais volumosa e diversificada quanto aos assuntos, gostaríamos de sugerir aos leitores que participassem conosco do processo de avaliação do jornal iniciado este mês. Ninguém melhor do que o público leitor para sugerir mudanças num veículo que, com menos de um ano, supera a barreira das 5 mil assinaturas e caminha para a consolidação.

O EDITOR

A ILUSTRAÇÃO DA CAPA É DE KIPPER

OPINIÃO

O PT e o regime de Castro

Ambigüidade é a pior política, sempre. Normalmente, é preferível errar de forma clara e transparente do que mover-se de forma sinuosa entre considerandos e entretantos: senão por outros motivos, porque se pode aprender com nossos erros. Acredito, por isso, que Bacon tinha toda razão quando afirmava que "a verdade surge mais facilmente do erro do que da confusão". Muito bem; quero sustentar neste rápido artigo que a posição do meu partido sobre Cuba tem tangenciado perigosamente a ambigüidade e que as definições que temos são absolutamente insuficientes para que de forma certa ou errada - apresentemos uma postura coerente e racional sobre o regime de Castro.

Passemos, de início, às resoluções do 1º congresso do PT. No item 70, da versão definitiva, pode-se ler:

"...A prática e a teoria do PT sempre rejeitaram como modelo para o Brasil os sistemas políticos organizados sobre a base do regime de partido único, dos sindicatos como engrenagens do Estado, da estatização forçada e irrestrita da atividade econômica, do alinhamento do povo do exercício do poder, da eliminação dos opositores e do predomínio do Estado/Partido sobre a sociedade e sobre os indivíduos, tudo aquilo que, enfim, ficou conhecido como a ditadura do proletariado."

STALINISMO TROPICAL. Essa passagem refere-se aos modelos políticos que desabaram no Leste, mas - como parece evidente - pode, perfeitamente, descrever características essenciais do regime cubano. A resolução, entretanto, não torna explícita essa analogia e, pelo contrário, insinua que os modelos do Leste devem ser concebidos como integrantes do "socialismo real" - algo como um "socialismo falsificado" onde se pode constatar uma "confusão político-ideológica promovida por aqueles governos que se intitulam 'socialistas' e 'populares'..." (item 61); enquanto que no item de nº 64 se assinala que "O único regime de orientação socialista (assim mesmo, sem aspas) que sobrevive na América Latina é o cubano". Em outras palavras: presume-se que as diferenças históricas entre as experiências do Leste e o processo cubano - diferenças que, é claro,



devem ser consideradas - são significativas a ponto de constituírem regimes de naturezas distintas. Certamente, essa não é a única interpretação possível das resoluções; acredito, mesmo assim, que o "destaque" conferido a Cuba deva obedecer a alguma racionalidade teórica sobre a qual, admito, paira um certo mistério. A tese apontada, de qualquer forma, me parece tão interessante quanto insustentável, tanto quanto seria se imaginássemos que o stalinismo nos trópicos pudesse ser essencialmente outro. De passagem, assinalo que, em minha opinião, todas essas experiências são efetivamente socialistas, o que não nos impede de rejeitá-las globalmente em nome de outros valores políticos e morais adequados a uma nova concepção de socialismo que desejamos construir.

Mais adiante, no item 71 das resoluções, temos que:

"Entretanto, diversas vezes, tomamos a defesa dos regimes do 'socialismo real' com o argumento de que neles, ao menos, os socialistas tinham conseguido resolver os problemas sociais aqui não superados... Esta contradição entre nossa vocação democrática originária e a complacência em relação aos regimes burocráticos impediu que nos antecipássemos criticamente, com todas as consequências decorrentes, em relação às tendências de mudanças que hoje se verificam."

OPOSIÇÃO PÚBLICA. Uma vez mais, tendo presente a linha de argumentação de muitos de nossos dirigentes e militantes, temos a impressão de uma

autocrítica antecipada frente à nossa postura com relação a Cuba. Cabe perguntar: será também necessário o fim do regime de Castro para que possamos lembrar a uma militância incrédula e perplexa o quanto sempre fomos "críticos" àquele modelo? Para que deixemos de enviar jovens revolucionários aos cursos de deformação da burocracia? Para que deixemos de aplaudir entusiasmados as palavras de ordem de defesa do regime de partido único dos camaradas cubanos em nossos encontros?

Acredito que não. Que podemos e devemos sustentar publicamente uma postura de oposição ao regime de Castro, conscientes de que "não pode haver esperança com este horizonte socialista". Não se trata, é bom frisar, de desconhecer o bloqueio econômico promovido pelos Estados Unidos contra Cuba, que deve ser dura e inequivocamente denunciado. Trata-se de afirmar, também em relação a Cuba, que "a nova ordem, a cidadania plena, a liberdade não só não chegaram a essas sociedades e nem penetraram em suas instituições, como foram negadas em nome da defesa das conquistas sociais 'ameaçadas constantemente pelo inimigo externo'" (Resoluções, 74).

Cuba é um Estado ditatorial, contrário a todo pluralismo, onde as vozes da discordância devem se realizar no silêncio da fuga, da capitulação ou do *paredón*. Não temos nada a ver com isso, além do passado comum das nossas ilusões.

MARCOS ROLIM,
Deputado estadual (PT-RS)

OPINIÃO

MULHERES NA DIREÇÃO DA CUT

A participação das mulheres na direção da CUT, através do mecanismo conhecido como "cotas", é um dos pontos de pauta da Plenária Nacional da CUT, em julho. Há uma presença reduzida das mulheres nos órgãos dirigentes cutistas, que não expressa a crescente participação feminina na base sindical e nas lutas concretas. Basta ver as duas últimas direções executivas nacionais: a atual tem, entre 25 membros efetivos e sete suplentes, duas mulheres; a anterior, entre 15 efetivos e cinco suplentes, teve uma mulher. Esta participação não corresponde nem mesmo à proporção de delegadas no IV e no III Congresso Nacional da CUT, respectivamente 18,37% e 24,1%.

Mas, por que construir a igualdade do gênero nos espaços decisórios através das cotas? Esta experiência tem sido adotada em centrais sindicais de outros países e em partidos políticos (o PT é o exemplo mais recente). Surge como um esforço de acelerar o processo de superação da exclusão histórica das mulheres, exclusão que se verifica mesmo nas instituições progressistas.

Adotar a cota é reconhecer que há uma realidade de exclusão das mulheres, que ela não é justa e precisa ser superada através de um conjunto de medidas, entre elas a ampliação da presença das trabalhadoras nos espaços de elaboração e decisão política do sindicalismo.

O percentual mínimo de mulheres nas instâncias de direção da CUT deverá ser o resultado do cruzamento de dois critérios: a) a porcentagem geral de sindicalização feminina no Brasil que, segundo a PNAD/88, é de 25,6% do total da sindicalizados (é provável que a taxa de sindicalização das mulheres na CUT seja mais alta, pois estão filiados à Central muitos setores com grande concentração feminina, mas estes números ainda estão sendo levantados); b) a porcentagem de participação das mulheres no mercado de trabalho que, segundo a PNAD/90, é de 35,5%. Para os sindicatos, recomenda-se que as direções sejam compostas com um número de mulheres correspondente, no mínimo, à porcentagem de sindicalizadas.

Esta é a proposta da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora. Outras medidas que levarão à maior participação sindical das mulheres já foram aprovadas no IV CONCUR: creches nos eventos sindicais; campanhas de sindicalização dirigidas às mulheres; participação proporcional das mulheres nas atividades de formação. Levadas à prática tais resoluções e aprovadas as cotas na Plenária Nacional, certamente teremos uma central sindical de cara nova, fazendo do discurso da igualdade uma prática cotidiana.

MARIA BERENICE G. DELGADO
Coordenadora geral da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT



LUSCAR

VIVA A CIRANDA

QUE NINGUÉM SE ILUDA: OS DÓLARES QUE ESTÃO CHEGANDO NO PAÍS NÃO VÃO PARA A PRODUÇÃO...

Na segunda-feira, 20, depois dos feriados da semana santa, a Bolsa de Valores de São Paulo teve um daqueles dias extraordinários, que vão para a primeira página de todos os jornais: o volume de negócios bateu seu recorde histórico, 768 bilhões de cruzeiros, cinco vezes a média normal. No dia seguinte, os comentaristas destacaram um detalhe ainda mais espetacular das transações: a maior parte dos negócios teria sido feita por investidores estrangeiros. Para os que há tempos esperam a notícia de que os capitais de fora estão chegando para fazer o país retomar o crescimento econômico e marchar decididamente para o Primeiro Mundo, o fato não poderia ter sido mais alvissareiro.

Na mesma segunda de véspera de Tiradentes, voltando do Japão onde estivera em busca de dinheiro, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, foi procurado pelos repórteres em Paris para que confirmasse uma notícia com outro sentido, soturna, indicadora de enormes dificuldades para o país: o governo estaria numa situação de penúria, sem dinheiro para investimentos sociais mínimos, ao ponto de cogitar uma "solução extrema" — a criação de um empréstimo compulsório de emergência, que pudesse ser recolhido nos próximos meses e que permitisse arrecadar pelo menos uns 200 bilhões de cruzeiros, para uma ação imediata contra a cólera.

Das duas notícias, uma é falsa e outra, verdadeira?

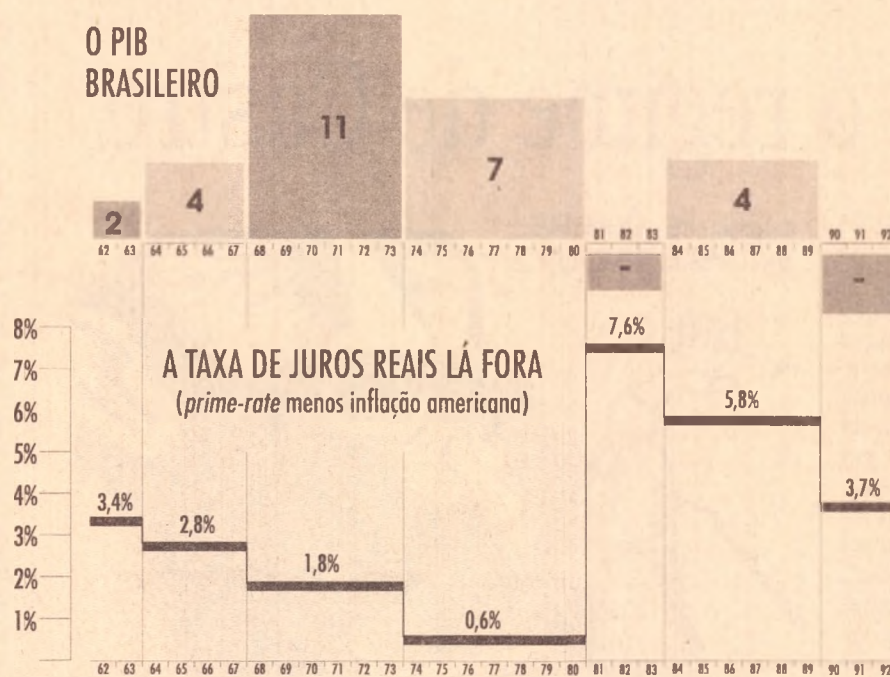
Não. Elas são como a cara e a coroa de uma moeda: o governo está conseguindo atrair os dólares com os quais imagina que vai sair da crise; e o preço para atrair esses capitais está sendo um custo social espantoso, para o qual já é necessário cogitar, pelo menos, de paliativos extraordinários.

OUTUBRO NEGRO. A história de nova crise em que o governo parece que irá mergulhar, começa com a solução que ele deu para os problemas enfrentados em outubro do ano passado, logo depois que promoveu uma grande desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar. O ajuste do câmbio, por sua vez, disparou por uns dias uma alta de preços e uma especulação nos mercados, que levaram o país às bordas do precipício hiperinflacionário. Na época, o ministro Marcílio, para acalmar os mercados financeiros, usou o remédio comum da receita neoliberal, mas em dose cavalgar: a elevação dos juros que estão atraindo capitais de fora. E são eles também que estão exaurindo o orçamento do governo federal e deixando ministros como Adib Jatene, da Saúde, sem ter recursos para enfrentar desgraças inadiáveis.

A contradição entre a necessidade de atrair capitais estrangeiros e o custo dessa política constitui o que os economistas chamam de "o dilema cambial brasileiro" que vem sendo vivido, de crise em crise, desde o fim da recessão de 1981-83, com o qual o governo militar adaptou o país às necessidades de pagamento da dívida externa. Por volta dessa época, por diversos mecanismos, o governo federal assumiu o compromisso de pagar praticamente toda a dívida, já acima de 100 bilhões de dólares. Com a recessão, e garantindo sempre que cada dólar exportado rendesse muitos cruzeiros — desvalorizando sempre a moeda nacional, portanto — o governo empurrou as empresas para o mercado externo, em busca de dólares. Estava dado, então, o nó em que a política de "abertura externa" ficaria amarrada até agora: o governo tem de desvalorizar o cruzeiro para tornar as exportações atraentes para as empresas, para estimular-las a trazer dólares para o país; ao mesmo tempo, como tem de comprar os dólares dos exportadores porque a dívida externa está sobre suas costas, estas compras ficam cada vez mais caras com as desvalorizações da moeda brasileira — e sua dívida interna vai aumentando. E deixando de ser paga. E sendo rolada, a custo da emissão de títulos e pelo pagamento de juros aos ricos que têm dinheiro para emprestar ao Estado.

ARROCHO AO FUNCIONALISMO. Até 1980, o peso dessa política de pagamento da dívida equivalia aproximadamente a um sexto do gasto com o funcionalismo público federal. Entre 81-83, passou à metade. A partir daí, disparou. De modo que, quando Collor assumiu, todos os impostos arrecadados não seriam suficientes para cobrir os custos dessa operação. E a idéia de solução que ele encontrou foi a de confiscar os haveres financeiros por 18 meses. E queria este ano e meio de prazo para tentar resolver o problema com outra fórmula de seu programa: a venda de patrimônio estatal, especialmente ao capital estrangeiro.

À ESPERA DE UM NOVO MILAGRE



SE ANTES, OS JUROS INTERNACIONAIS CAÍAM E O PIB CRESCIA, AGORA, QUE OS JUROS INTERNACIONAIS ESTÃO CAINDO, O PIB CRESCERÁ?

O milagre econômico dos anos 68-73, e mesmo o crescimento de 7% ao ano em média entre 74 e 80, basearam-se em crédito estrangeiro, abundante e barato. A estagnação dos anos posteriores é associada à elevação enorme dos juros internacionais que, entre 81-83, chegaram aos níveis mais altos da história do capitalismo: 7,6% reais (descontada a inflação) para a *prime-rate* americana. Será que agora, com os juros reais de 3,7% de 1990 para cá, não se deve esperar um novo "milagre", baseado nos capitais de fora, como é o sonho do governo Collor?

Não: porque há brutais diferenças entre as duas conjunturas. Os capitais de fora não vieram sozinhos para cá. A ditadura militar realizou penosos esforços para atraí-los: eliminou as liberdades políticas, desmantelou a resistência, viabilizou o arrocho. Além disso, o Esta-

do brasileiro hoje é muito diferente. O do pós-golpe, por exemplo, tinha uma dívida pública ridícula, em papéis que vinham da época de D. João VI, inclusive, e sem correção monetária, que foi inventada pelos golpistas.

O de hoje deve centenas de trilhões, em papéis a juros monumentais corrigidos no *overnight*, dia a dia. A dívida que basicamente fez o milagre, não chegou a 10 bilhões de dólares: era de cerca de 4 bilhões de dólares logo antes do golpe e chegou a pouco mais de 12 após o "milagre".

Hoje, 10 bilhões de dólares é o que entrou no país a partir do fim do ano passado, com a política de juros altos. Mas não foi dinheiro para investimento. Foi "smart money", dinheiro esperto, como se diz nos círculos de entendidos: dinheiro que veio para tirar proveito de uma situação temporária.

A crise de outubro do ano passado de certa forma é o resultado do fracasso desses planos. A privatização emperrou por quinze meses: deveria ter começado em julho de 90 e a primeira estatal, a Usiminas, só foi vendida em outubro de 91. E, além disso, praticamente não trouxe dólar algum.

Mesmo todo o arrocho promovido pelo governo não foi suficiente para reduzir a montanha de papéis da dívida acumulada em títulos públicos. Em 91, o funcionalismo teve pagamentos reais 43% menores que em 1990. Os investimentos do Estado foram 55,3% inferiores. Em setembro de 91, no entanto, quando mal começavam a ser devolvidos os cruzados confiscados no início do governo, a dívida externa ainda estava toda por pagar e a dívida inter-

na continuava enorme, equivalente a 27,5 bilhões de dólares, a despeito de todos os esforços feitos para amortizá-la.

Para não agravar esses problemas, o governo retardou o mais que pode as desvalorizações do cruzeiro — diminuindo, como já vimos, os incentivos aos exportadores. A resposta destes foi imediata: o saldo da balança comercial de agosto caiu para meio bilhão de dólares, um terço da média dos meses anteriores, que fora de 1,5 bilhão.

DESVALORIZAÇÃO. Pressionado por sua fome de dólares, correndo em busca deles para atender ao Clube de Paris, ao FMI e aos bancos credores — sem os quais, imagina, não encontrará a chave que abrirá as portas do seu sonhado Primeiro Mundo

— o governo realizou no dia 30 de setembro a primeira desvalorização brusca do cruzeiro, de praticamente 20%.

De início, a máxima não contentou os exportadores, que ficaram retendo as vendas ao exterior à espera de uma desvalorização maior. E, na especulação que se seguiu, Marcílio apelou para a elevação monumental dos juros de 28 de outubro. Os juros nas nuvens funcionam para os exportadores como o reflexo condicionado para o cão de Pavlov: eles saem em busca de dólares de exportações a serem feitas no futuro, pegam empréstimos em dólar por conta delas, passam e esses dólares para o governo em troca de cruzeiros — e pegam esses cruzeiros para emprestá-los no mercado interno, aproveitando os juros de agiotagem.

PARAÍSO FINANCEIRO. Um outro fator contribuiu para que o Brasil se tornasse, então, uma espécie de paraíso financeiro no período que se seguiu: para incentivar sua economia, às voltas com uma recessão inesperadamente prolongada, os americanos começaram, em 91, a puxar os juros para baixo, acelerando esse esforço no final do ano. De tal modo que, no início deste ano, enquanto Marcílio mantinha sua política de juros de mais de 4% reais por mês, os americanos estavam emprestando dinheiro por menos de 4% reais ao ano.

O que já era, então, bom para os exportadores, tornou-se, então, ainda mais vantajoso para os exportadores, bancos e todos os grandes setores do capital financeiro em geral: pegar dinheiro lá fora e emprestá-lo aqui dentro, ganhando com a diferença.

Dois outros fatores aceleraram o processo que trouxe uma enxurrada de dólares para o Brasil. Em agosto de 91, a Resolução 1832 do Conselho Monetário Nacional liberou os investidores institucionais estrangeiros para aplicarem diretamente nas bolsas brasileiras, com ganhos isentos de tributação e sem prazo mínimo para repatriamento das aplicações — que era exigido antes. Em meados de fevereiro deste

INTERNACIONAL!

...MAS PARA A ESPECULAÇÃO FINANCEIRA

ano o governo lançou também um pacote de medidas para favorecer ainda mais os exportadores, eliminando impostos diversos, comprometendo-se a lançar títulos do Tesouro para evitar riscos no financiamento das vendas externas e etc...

ALTAS RESERVAS. E os dólares começaram a entrar em quantidade, por vários canais. De julho de 91 ao final de março último, empresas e bancos brasileiros fizeram 26 emissões de papéis no exterior, captando 2,5 bilhões de dólares para aproveitar os juros americanos baratos. As aplicações nas bolsas, por sua vez, se aceleraram. De agosto de 91 a fins de abril deste ano, 67 carteiras de aplicações de investidores institucionais estrangeiros já haviam sido autorizadas oficialmente para operar nas bolsas brasileiras; e, nos três primeiros meses do ano já haviam entrado mais dólares nas bolsas do Rio e de São Paulo do que em todo o ano passado. E, o maior dos fluxos: as grandes companhias exportadoras começaram a pedir empréstimos externos para financiamento de exportações em valor muito maior do que o dos valores efetivamente exportados — a diferença era para aplicar no mercado financeiro, onde essas empresas fizeram fortunas aproveitando o diferencial entre os juros internos e externos. Por essa via entrou no país um saldo de perto de 6 bilhões de dólares, entre dezembro de 91 e abril deste ano. Tudo somado, as reservas cambiais brasileiras — a quantidade de dólares ou equivalente em poder do Banco Central — passaram dos 8,5 bilhões de setembro de 91, para mais de 15 bilhões agora, segundo as estimativas, e a despeito de o país ter feito grandes pagamentos aos credores nesse período, em função do acordo provisório antigo feito com os bancos e do acordo recente com o Clube de Paris.

O crescimento das reservas foi tão assombroso que, na entrevista que deu aos editores dos grandes jornais brasileiros, logo depois da renúncia coleti-

va de seu Ministério, há cerca de um mês, Collor anunciou, como se fosse um feito positivo e espetacular, que o governo estava tomando medidas para impedir que as reservas chegassem a 20 bilhões de dólares.

FINAL INFELIZ. O que Collor não disse é que essa política, que Marcílio vem seguindo sob pressão dos grandes capitais brasileiros e de fora, tem um preço. O governo compra os dólares dos exportadores com dívida. Não os troca por cruzeiros porque a montanha de cruzeiros que teria de lançar na praça para comprar esses dólares é muito maior que todo o dinheiro impresso existente no país e teria o efeito de uma inundação inflacionária. Os dólares são comprados, então, com títulos da dívida pública, pelos quais o governo paga juros. Os juros monumentais que ele mesmo foi forçado a adotar como única política que atende a todos os interesses que o governo defende.

O custo dessa política é assombroso: no mês de março, segundo dados obtidos pela *Folha de S. Paulo*, a dívida em títulos do Tesouro pulou de 154 para 192 trilhões de cruzeiros. Descontada a inflação de 21,39%, houve um aumento real de 5,1 trilhões de cruzeiros, ou 2,5 bilhões de dólares.

O que para o governo é perda, para o capital financeiro privado é lucro.

E mais que isso: é motivo para gestos altruísticos, humanitários. O ministro Adib Jatene teve a idéia de propor o empréstimo compulsório para arrecadar 0,2 trilhão de cruzeiros depois de conversas com grandes e generosos empresários que se apiedaram da situação de seu Ministério e das massas brasileiras.

É isso aí: gente fina é outra coisa...

RAIMUNDO RODRIGUES PEREIRA



OS MARAJÁS DOS JUROS

Collor não conseguiu os maiores nomes do PSDB, que persegue há tempos para dar um realce a seu Ministério; mas os tucanos não deixaram de por alguns ovos no cesto do Presidente. Entraram para o primeiro time do governo, ao cabo da grande reforma ministerial, os tucanos de carteirinha Celso Lafer, novo Ministro das Relações Exteriores, e Hélio Jaguaribe, para Secretário de Ciência e Tecnologia. Somados aos tucanos de segundo escalão — como Dorothea Werneck e Roberto Macedo, mais antigos, e José Gregori, mais recente, no comando da equipe de Marcílio, e importantes figuras do Ministério da Saúde e no da Previdência, escolhidos pelos ministros Jatene e Stephanes — eles dão ao ministério um novo collarido.

A marca da nova equipe de Collor, no entanto, não

foi dada pela turma de Tarso Jereissati e Fernando Henrique Cardoso, como se pretendia. O governo ainda pretende comandar penosos meses de recessão bravia e julgou melhor não se atrapalhar com uma mudança que desse o controle da área social e a iniciativa de projetos nessa área para os tucanos, mesmo dentro dos limites que estes se dispuseram a aceitar, no programa que entregaram a Collor, onde admitiam implicitamente a estratégia e a tática básicas da atual política econômica.

O PASSADO. O que caracteriza o novo ministério são as presenças de Pratini de Moraes, nas Minas e Energia, ministério desmembrado da Infra-estrutura, de Calmon de Sá, na Secretaria de Desenvolvimento Regional, que ganhou status de ministério, e de Afonso Camargo, nos

Transportes e Comunicações (o outro pedaço da Infra). Os três são ligados aos bancos e exportadores. Pratini de Moraes era o presidente da Associação Brasileira dos Exportadores; Calmon de Sá é um dos donos do Banco Econômico; e Afonso Camargo é do PTB do Paraná, um dos "trabalhistas do capital", digamos assim, pois são dependentes do patrono do partido no Estado, Andrade Vieira, dono do Bamerindus. Os três como que personificam as decisões de política econômica adotadas recentemente. O "caçador de marajás", hoje visto pelos grandes jornais como mais envelhecido, prudente, mais maduro, parece ter desistido da missão juvenil de expulsar marajás do governo: agora trás marajás para o governo — só que marajás de outro tipo, marajás alimentados pelos algos juros... (veja a matéria ao lado).

ARRANHÃO NA IMPUNIDADE

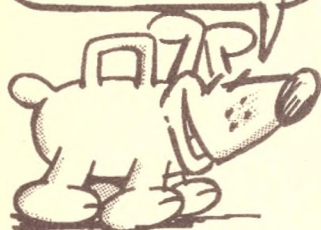
Fato inédito no Pará e praticamente em todo o Brasil: um criminoso de alta estirpe, membro da família Mutran, que manda e desmanda no município de Marabá, e ainda por cima deputado, vai a julgamento como um assassino comum. Trata-se de Osvaldo Mutran, o Vavá Mutran, deputado estadual pelo PDS, acusado de assassinar o fiscal da Secretaria da Fazenda Daniel Lira Mourão, que apreendeu 21 cabeças de gado do deputado, que eram transportadas com documentação irregular (nota fiscal fraudada) numa carreta.

Vavá Mutran inicialmente tentou pressionar o fiscal, para conseguir a liberação do gado apreendido. Não conseguindo, foi pessoalmente, com o motorista da carreta, Arner de Souza Santos, o Parafá, à casa do fiscal no sábado, 4 de abril, em Marabá, onde ocorreu o assassinato de Mourão, com três tiros, na presença de seu filho adotivo Francisco, de 13 anos.

Mutran tentou atribuir o crime ao motorista, mas foi desmentido por Francisco na acareação. A polícia fazia corpo mole e tudo tendia a cair no esquecimento como outros casos, pois esse não é o primeiro fiscal assassinado por grandes sonegadores de ICMS no estado, e a família de Mutran tem precedentes em Marabá, onde é acusada de mandar assassinar posseiros da Fazenda Ubá (o pistoleiro Sebastião da Terezona, preso por esses assassinatos, diz que foi pago pelos Mutran). Mas houve mobilização dos funcionários da Secretaria da Fazenda, que ameaçaram paralisar a arrecadação de impostos caso o crime continuasse impune e, na Assembleia Legislativa, o líder da bancada do PT, José Carlos Lima, entrou com requerimento de suspensão da imunidade parlamentar de Vavá, o que acabou sendo concedido por ser um crime escandaloso e a vítima não ser mais um assassinado anônimo.

PEDRO LUÍS

BORNHAUSEN É O HOMEM DA MALA OU MALA SEM ALÇA?



O "homem da mala"

Oligarca, acusado de mau uso do dinheiro público, ele foi dar "cara nova" ao governo Collor.

O carioca Jorge Konder Bornhausen - JKB - é herdeiro de uma família de empresários e políticos que atracou na cidade portuária de Itajaí e fez quatro governadores de Santa Catarina neste século. Três deles nomeados, inclusive o próprio JKB. A "república de Itajaí" governou o estado com Adolfo Konder, Irineu Bornhausen (este, por voto direto), JKB e seu primo, atual vice-governador, Antônio Carlos Konder Reis.

Aos 29 anos, Jorge, um jovem advogado com diploma da PUC do Rio de Janeiro e dirigente da UDN no Vale do Itajaí, foi conduzido ao seu primeiro cargo público: substituiu o vice-governador Francisco Dalligna (PTB), cassado pelo general-presidente Castello Branco. Para nomeá-lo, foi preciso rasgar e remendar a Constituição Estadual, com a ajuda do então governador Ivo Silveira (1966-71), diminuindo de 35 para 25 anos a idade mínima para ocupar o posto.

NEGÓCIOS DE FAMÍLIA. O primeiro-governador, Antônio Carlos Konder Reis (1975-79), presenteou-o com a presidência do BESC-Banco do Estado de Santa Catarina. Ali conheceu de perto a corrupção, denunciada à época pelo deputado federal Laerte Ramos Vieira (MDB): fez empréstimos suspeitíssimos (Cr\$ 35 milhões em 1977) à Oleolar S/A e ao Frigorífico Medianeira S/A, no Paraná, empresas à beira da falência, em que eram sócios o sogro e o cunhado de Paulo Roberto Bornhausen. Na mesma época, o MDB denunciou que a Pátria Companhia Brasileira de Seguros Gerais, do próprio JKB, conquistara o monopólio dos seguros de bens dados como garantia para os financiamentos do BRDE-Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul e Badesc-Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

Sugerida uma Comissão Parlamentar de Inquérito no BESC, 17 dos 22 deputados da Arena apressaram-se em preencher a quota de 5 CPIs com



temas frios e Bornhausen continuou acima de qualquer suspeita.

NOVEMBADA. Pelas mãos do general Figueiredo e de Golbery, JKB tornou-se governador nomeado de 1979 a 1982. Ajudou a "prender e arrebentar", principalmente nos protestos que se seguiram à visita de Figueiredo a Florianópolis, em 30 de novembro de 1979, conhecidos como "Novembrada". Os organizadores das

manifestações foram presos. O jornal *Afinal* foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, porque publicou uma lista de autoridades brasileiras com contas na Suíça, em que constava o nome de Bornhausen.

No seu governo, JKB admitiu 19.699 servidores públicos. A generosidade lhe rendeu ações populares que ainda tramitam na justiça catarinense. No primeiro julgamento, Bornhausen, seu ex-vice Henrique Córdova, seu secretário de

Transportes e sucessor Espiridião Amin e 14 procuradores da Fazenda junto ao Tribunal de Contas, nomeados sem concurso público, foram condenados a devolver ao Tesouro cerca de Cr\$ 1 bilhão em salários recebidos pelos marajás. Recorreram à sentença e não há previsão de data para novo julgamento.

HOMEM DA MALA. JKB disputou a única eleição de sua vida em 1982, chegando ao Senado em com apenas 1439 votos a mais que Pedro Ivo Campos (PMDB). Foi a eleição mais suspeita da história catarinense, com denúncias de corrupção que seriam confirmadas por Córdova, como o uso de US\$ 70 milhões de verbas federais para aliciar prefeitos. O PMDB denunciou também a manipulação dos resultados pela RBS-Rede Brasil Sul de TV, ao estilo do escândalo Proconsult-Rede Globo, no Rio.

Nos 586 dias em que ocupou o Ministério da Educação de Sarney, JKB repassou às prefeituras catarinenses cerca de Cr\$ 1 bilhão (em valores da época). Ganhou o apelido de "Homem da Mala", que era reforçado pelo fato de seu irmão Roberto Bornhausen ser executivo do Unibanco e presidir, até 1988, a Febraban - a entidade que teria colaborado com US\$ 100 mil para a campanha do ministro da Ação Social, Ricardo Fiúza.

De volta ao governo, JKB estreou sua coordenação política caçando "tucanos" e nomeando, para o cargo de assessor especial da Secretaria de Governo, o ex-deputado Wilmar Dallanhol (PFL), derrubado da presidência da Eletrosul em 1988 sob denúncias de corrupção. Mas o alemão Jorge Konder Bornhausen, conhecido em Blumenau pelo apelido de "Chinês", pela paciência com que devora seus adversários, avisa: "Meu maior patrimônio é meu passado, em que nada há de que me arrependa. Em 25 anos de atividade política, minha moral nunca foi questionada".

GERALDO HOFFMANN
de Santa Catarina

VOCÊ SABE POR QUE MUITOS DOS EVENTOS POLÍTICOS E CULTURAIS QUE A ESQUERDA PROMOVE NÃO DÃO EM NADA?

Porque é preciso gente especializada e competente administrando esses acontecimentos. Gente que possa, com poucos recursos, transformar simples idéias em fatos marcantes e inesquecíveis.

GAUCHE. PRA ESQUERDA FAZER E ACONTECER.



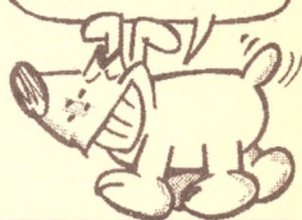
GAUCHE
Eventos e Promoções
Av. Rio Branco, 156 • Conj. 503
Ed. Avenida Central
Rio • RJ • CEP 20043

Tel. (021) 262 1236
FAX. (021) 262 4841

PEQUENAS
PORÉM
COMPETENTES!



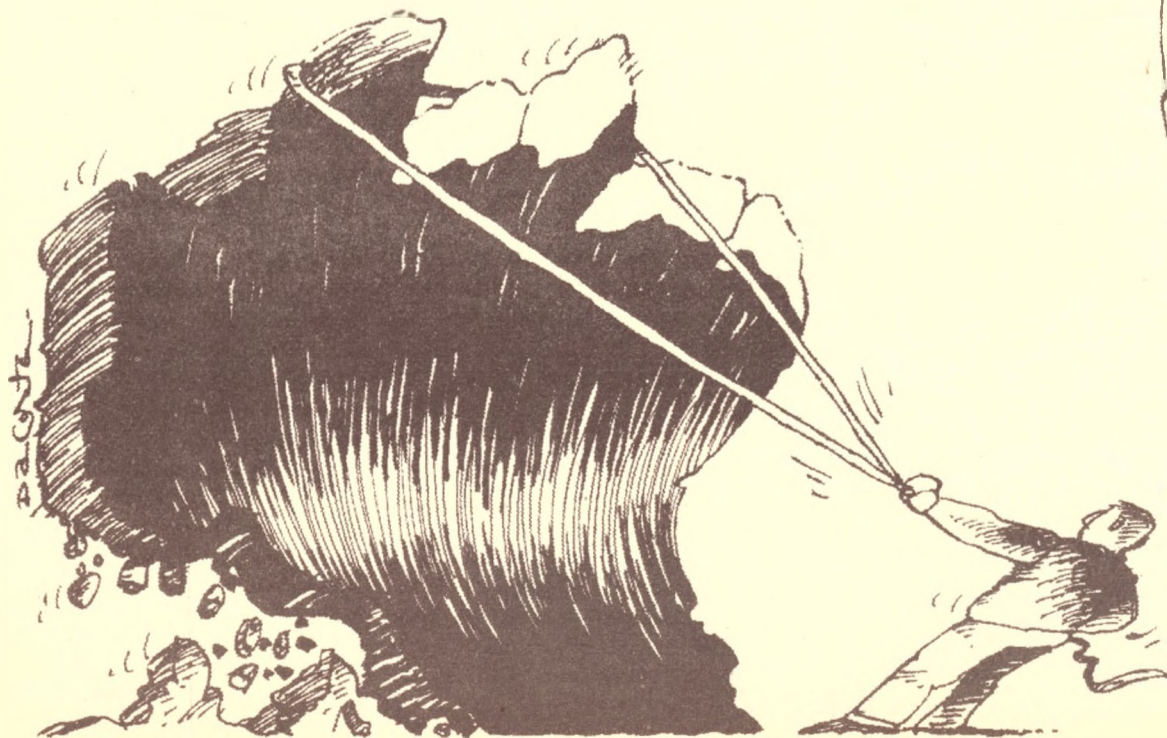
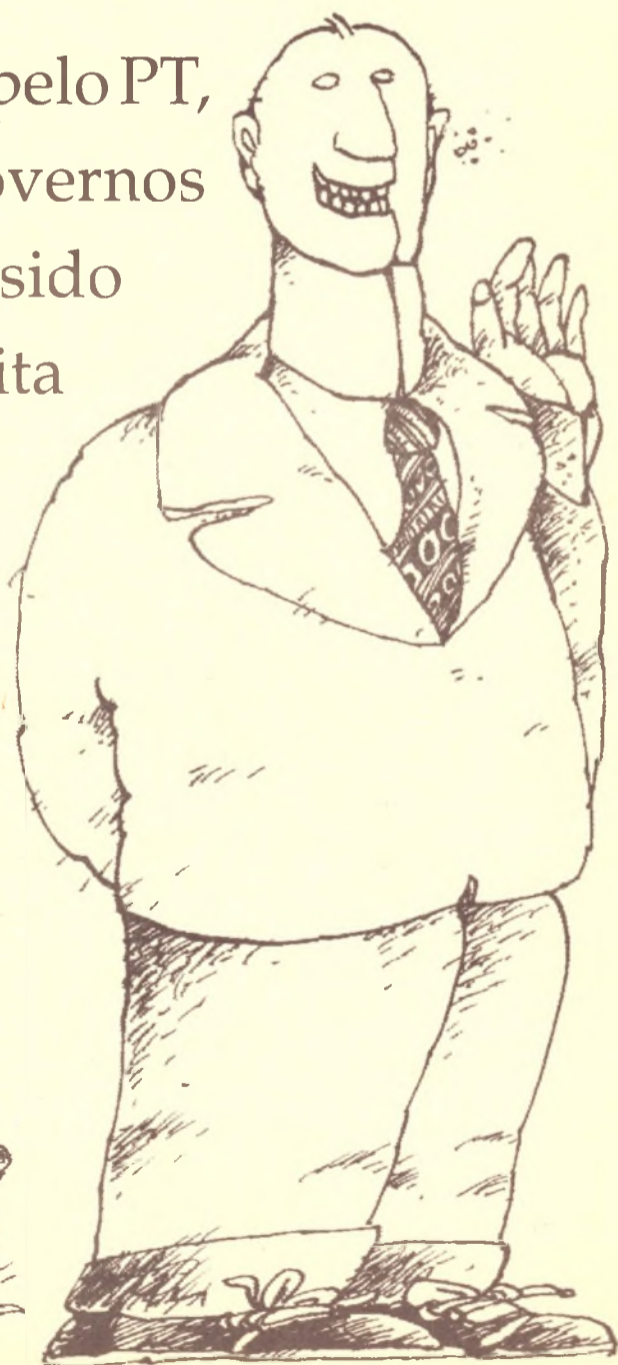
PREFETOS
PETISTAS: DE
RABO PRESO
COM O ELEITOR!



PT

PEQUENAS GRANDES ADMINISTRAÇÕES

Nas pequenas cidades administradas pelo PT, apesar de todo tipo de boicote dos governos estaduais e federal, o resultado tem sido tão positivo que grupos rivais de direita tentam se unir para enfrentar os candidatos petistas nas eleições de 1992.



ESPECIAL



Administrações petistas fazem sucesso em pequenas cidades, mas a grande imprensa não vê.

Longe do foco da grande imprensa, ignorada pelos próprios petistas dos principais centros, as administrações municipais impulsionadas pelo PT nas chamadas "pequenas cidades" dão, em sua maioria, verdadeiras lições de como se governar de maneira diferente. Completamente esquecidas pelos governos estaduais e federal, sem um acompanhamento direto da direção nacional do partido e enfrentando uma correlação de forças totalmente desfavorável nas câmaras municipais, estes

prefeitos e suas equipes se viram cada um do seu jeito. Norteados apenas pelos princípios gerais do PT, preocupados em concentrar seus esforços em defesa das populações mais carentes, em pleno período de recessão e desemprego, eles mostram como fazer muito com pouco dinheiro e sem deixar o rabo preso com fazendeiros, grandes empresários,

POPULAÇÃO DOS MENORES MUNICÍPIOS ADMINISTRADOS PELO PT

| | |
|---------------------------|---------|
| AMAMBAL - MS | 125.921 |
| ANGRA DOS REIS - RJ | 85.000 |
| CONCHAS - SP | 11.000 |
| COSMÓPOLIS - SP | 36.000 |
| ICAPUÍ - CE | 13.549 |
| IBICÍNEA - MG | 8.600 |
| JABOTICABAL - SP | 60.000 |
| JAGUAQUARA - BA | 39.000 |
| JANDUIS - RN | 9.000 |
| JOÃO MONLEVADE - MG | 59.343 |
| RONDA ALTA - RS | 11.655 |
| SÃO JOÃO DO TRIUNFO - PR | 12.259 |
| SEVERIANO DE ALMEIDA - RS | 4.430 |
| TIMÓTEO - MG | 58.395 |



usineiros. Eleitos em 1988, acabaram em suas cidades com o revezamento que as "duas famílias" locais sempre fizeram no poder municipal. Quem apostou no novo, venceu. Menos de quatro anos de governo foram tão marcantes, que devem produzir um novo fenômeno em 1992: coronéis que se mataram durante dezenas de anos sentam agora à mesma mesa para definir uma estratégia para derrotar aqueles que pretendem continuar este trabalho. Quem assiste à novela *Pedra sobre pedra* - cerca de 50% dos telespectadores brasileiros e, talvez, 10% dos leitores de *Brasil Agora* - conseguiria imaginar uma chapa

única com os personagens vividos por Lima Duarte e Renata Sorrah, com o objetivo de derrotar um terceiro candidato "democrático e popular"? Se a novela fosse ambientada em alguma das cidades citadas nestas páginas, seguramente o seu roteirista teria que fazer algumas mudanças importantes no texto...

DICAS PARA UMA ELEIÇÃO

O EXEMPLO DE JABOTICABAL, ONDE O PT NÃO ESPERAVA GANHAR, MAS DEU ZEBRA.

Definir corretamente os objetivos é a primeira coisa que tem que ser feita numa campanha eleitoral. É para eleger o prefeito ou para "marcar posição"? Dá para ir sozinho ou é melhor uma coligação? Quantos vereadores devemos lançar, quantos podemos eleger? São estas as perguntas que muita gente está se fazendo neste começo de 1992. A resposta errada a uma delas pode preparar o fracasso nas urnas.

Mas, às vezes, acontece o inverso. Em 1988, o PT de Jaboticabal, por exemplo, avaliou que não havia nenhuma chance de eleger seu candidato a prefeito. "Vamos deixar nossos nomes mais conhecidos para a vereança", diziam. José Bacarin voltava à cidade em junho do mesmo ano, depois de dois anos fazendo pós-graduação em Campinas. O partido tanto insistiu que ele aceitasse ser o "candidato laranja" para prefeito.

Na primeira pesquisa de opinião

ele apareceu em último lugar. Seus concorrentes: dois ex-prefeitos, o vice-prefeito, o presidente da câmara, um vereador com 16 anos de "casa". "Só raposa". Em 15 de novembro, Bacarin foi eleito com 35% dos votos, contra 18% do 2º colocado. "Zebra" maior, impossível. Detalhe: para a câmara, o PT teve 16% dos votos e elegeu três vereadores. De ilustre desconhecido, Bacarin se transformou na pessoa mais popular da cidade.

COMEÇO DE CAMPANHA É SEMPRE DURO. Quem já participou sabe. Demora para a coisa engrenar. Falta dinheiro, o povo não se interessa, os

adversários inundam a cidade de propaganda, sucedem-se as brigas internas, dá uma vontade danada de desaparecer "à procura do eixo". Sempre foi assim; que se prepare quem vai enfrentar as urnas em 1992.

Agora, imagine como são as coisas numa cidade em que não existe o objetivo de ganhar. Em Jaboticabal, o partido decidiu fazer comícios nos bairros. No primeiro, chegaram os candidatos a prefeito e vereador com o carro de som no local determinado: não havia uma só pessoa na praça, desânimo geral. De repente, chegam seis homens juntos e sentam num banco em frente à praça. O pessoal não

tem dúvida. Abre o "comício" e deita "falação" em cima deles. Passam-se alguns minutos de discurso, um ônibus pára, os seis entram. Aquilo era um ponto de ônibus. O "comício" termina.

Para não repetir o vexame, resolveram mudar de tática. Começaram o comício seguinte com o som tocando músicas da Xuxa bem alto. Logo as crianças começaram a chegar. E atrás delas as mães. Em seguida, os primeiros pais. Já dava para interromper um pouco a música e falar algo. Com o passar dos dias, a coisa foi crescendo. Até o final da campanha foram realizados 37 comícios, o último lotando a praça central da cidade.

Entre eles, talvez estivessem os seis do "primeiro comício". A tática da inesperada vitória tinha sido muito simples: todas as casas da cidade visitadas pelo menos duas vezes pelos petistas + comícios em profusão. Em cidade pequena ela não falha.

ESTE CADERNO TEVE A PRIMEIRA PEDAÇÃO DE CELSO MARCONDES, COM A COLABORAÇÃO DE LINCOLN MORAES (RN), MÁRCIO CABREIRA (MS), MARIA TEREZA AZEVEDO (MG), WLADIMIR POMAR (RJ), AGAPITO ANGST (RS), MARCELO ANTÔNIO FRAANZMANN SCHUSTER (RS) E NELSON RIOS (BA). Nossos agradecimentos às assessorias de imprensa de Conchas, de Icapuí e de São João do Triunfo e à "SÍNTESE, COMUNICAÇÃO INTEGRADA" (MG).

UMA VISÃO DO PARAÍSO

A BELEZA DA NATUREZA ATRAIU MILIONÁRIOS, MAS A POPULAÇÃO VIVIA EM PÉSSIMAS CONDIÇÕES.



NEIROBIS: inversão de prioridades incomoda grandes fortunas

Quando se fala em Angra dos Reis, vem à mente a visão de um paraíso de mar, ilhas, praias e matas verdejantes. Poucos sabem que esse paraíso natural sofreu depredações consideráveis com o desordenado surto de desenvolvimento econômico que atingiu o município nas décadas de 60 e 70.

A construção dos estaleiros Verolme, da Usina Nuclear, da Rodovia Rio-Santos e do Terminal Marítimo da Petrobrás elevaram o ritmo de crescimento populacional acima da média nacional, sem que os poderes públicos cuidassem de implantar a correspondente infra-estrutura urbana. Por outro lado, a valorização das terras e o fácil acesso incentivaram a especulação imobiliária e a expulsão violenta dos posseiros. O aterro de manguezais e as encostas dos morros foram os refúgios que sobraram para os pescadores e outros trabalhadores.

Também são poucos os que se lembram que Angra ficou sem autonomia durante o regime militar. Decretada "área de segurança nacional", seus prefeitos nomeados não tinham contas a prestar à população e esta não tinha o direito de opinar.

A ANGRA QUE NÃO SE VIA. A recuperação da autonomia, em 1985, não trouxe melhorias, pois assumiram a chefia do município representantes dos tradicionais grupos

conservadores.

Em 1988, quando o PT lançou Neirobis Nagae como candidato a prefeito, Angra era um município sem rede de esgotos, sem contenção de encostas, com o calçamento de suas ruas e avenidas deteriorado. As escolas eram poucas, sem equipamentos, com os funcionários e professores recebendo salários aviltados. Não havia creches e apenas alguns arremedos de postos de saúde. Estradas vicinais e pontes eram coisas desconhecidas para os pequenos produtores, as chuvas levavam consigo as encostas desprotegidas dos morros habitados e com elas casas e moradores.

As chances de Neirobis pareciam pequenas. Candidato de um PT que não tinha 150 filiados e recusara coligar-se com o PSB (teria eleito 5 vereadores, em vez de 3, se houvesse feito a coligação), não aparentava perigo para os grupos dominantes, que acharam que podiam se dividir para disputar a prefeitura. Isso acabou sendo um dos fatores da vitória petista. Mas não o único. A proposta clara de mudança ("Certeza de Mudança" era o slogan), aliada ao trabalho de formiga nos bairros e o poderoso apoio do sindicato dos metalúrgicos (o candidato a vice era o presidente do sindicato) e à conhecida garra petista para vencer desafios, deu 27% dos votos a Neirobis. E causou uma ruptura na tradicional dominação local.

INVERSÃO. As coisas agora são diferentes. Os grupos conservadores estão fazendo o impossível para lançar um candidato único, juntando as grandes fortunas com interesses em Angra (que representam 37% do PIB nacional), que estariam dispostas a financiar generosamente o adversário do PT. Corre também que o próprio governo federal, através da SAE (nova sigla do SNI), teria decidido intervir diretamente na disputa.

Mas a verdade é que depois de levar dois anos para recuperar as finanças públicas e dar transparência ao orçamento, o PT tirou da oposição conservadora a bandeira da competência e do desenvolvimento. Começou a recomposição dos salários dos funcionários e professores, foram pesados os investimentos em educação e construção de escolas e foi dado andamento a um conjunto de obras de saneamento, contenção de encostas, calçamento de vias públicas, iluminação, recuperação de praças e outras que vão mudar a fisionomia dos aglomerados urbanos do município.

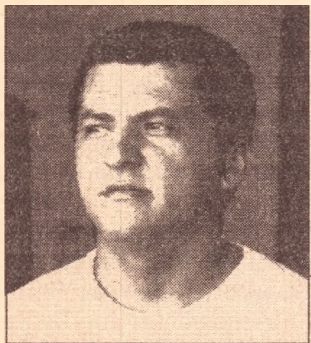
O governo petista de Angra é hoje um dos principais freios à política devastadora e recessiva do governo Collor no município. Isso tudo com o adicional de haver aberto a administração, como nunca, para a participação democrática da população.

Assim, se a disputa este ano poderá ser mais dura, os resultados terão, sem dúvida, um significado maior.

ICAPUÍ.CE

EDUCAÇÃO PREMIADA PELA ONU

A TV GLOBO MOSTROU O TRABALHO DA PREFEITURA, MAS SEM DIZER QUE O PREFEITO É DO PT



DEDÉ TEIXEIRA: participação direta da população

Icapuí, a "Canoa Veloz", a 180 km de Fortaleza, no litoral leste do Ceará, tem apenas 13.549 habitantes. Mas, em novembro de 1991, muita gente olhou para essa pequena cidade cearense, pois ela foi agraciada com o prêmio "Criança e Paz-Educação", outorgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância-UNICEF. Motivo: todas as crianças na faixa etária dos sete aos onze anos estavam matriculadas nas escolas municipais. Todo o ensino é público, não há carência de vagas e a prefeitura ainda garante o transporte escolar.

Pela primeira vez uma instituição do Nordeste ganhou a honraria, que é destinada anualmente a organizações brasileiras que se destacam por seu esforço na luta em defesa dos direitos das crianças adolescentes.

Os números provam que o prêmio foi mais que merecido: em 1986, quando tomou posse o primeiro governo petista, existiam ali apenas nove escolas com 700 alunos e 37 professores, sendo oferecido apenas o 1º grau. Após duas administrações petistas, na gestão de Francisco José (Dedé) Teixeira, são 32 escolas, 220 professores, 3.675 alunos e o 2º grau também já é oferecido.

PARTICIPAÇÃO DIRETA. Orgulhoso, o secretário da Educação, Augusto Jerônimo, diz: "Queremos dividir essa alegria com o nosso povo, responsável maior pelo êxito que estamos alcançando. É o esforço coletivo, o trabalho de nossos mestres, tanto com as crianças como com os pais, e a participação direta da população, opinando e fiscalizando, que fazem aparecer os

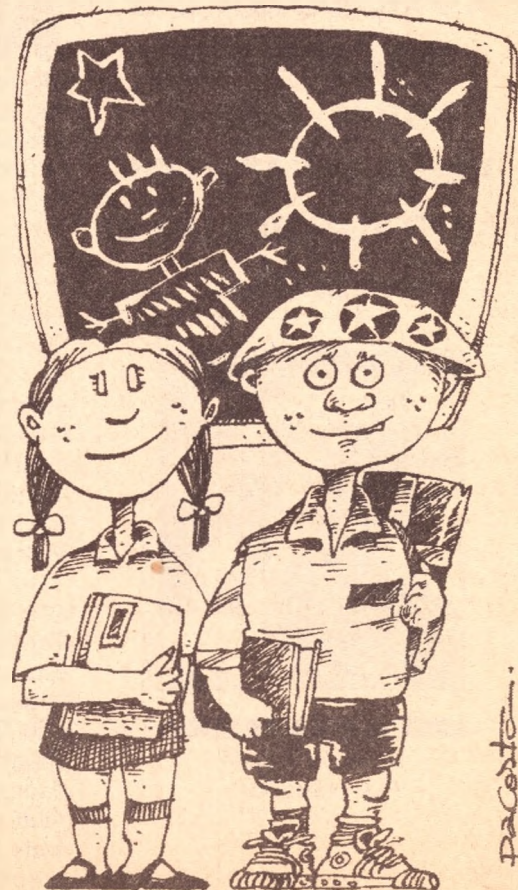
primeiros frutos do trabalho". Mas Augusto ainda não está satisfeito: "Não podemos pensar que o ensino em Icapuí é uma maravilha. Ainda está muito longe e nosso objetivo é oferecer um ensino público, gratuito e de qualidade, gerador de um senso crítico e possibilitador de uma consciência que integre nossas crianças na formação da cidadania plena", afirma.

Para reforçar seu projeto e visando despertar o interesse das crianças pela escola, a Secretaria de Educação implantou uma série de escolinhas esportivas e culturais. Já estão em funcionamento as escolinhas de futebol, futebol de salão, voleibol, basquetebol, handebol, tênis de mesa, capoeira, ginástica olímpica, expressão circense, violão, coral, teatro de rua, teatro de bonecos e marcenaria. A única exigência: que a criança esteja matriculada em uma das escolas municipais.

NÃO É SÓ EDUCAÇÃO. Se não bastasse todos esses avanços nessa área fundamental, a prefeitura de Icapuí apresenta um dos menores índices de mortalidade infantil do país, com toda a saúde pública do município pública e gratuita.

Outra medida importante é a criação de frentes de trabalho para os pescadores de lagosta na época em que a pesca é proibida, deixando os trabalhadores sem alternativas de renda.

SEM OPOSIÇÃO. Depois de uma gestão inteira em atrito com o governo estadual (de 1985 a 1988), este ano as coisas melhoraram um pouco com as primeiras liberações de verbas importantes. Para as eleições de 1992, a situação que se desenha na cidade é *sui generis*: a oposição já não se considera mais oposição e é mais provável que apenas uma chapa concorra com, prefeito e vice do PT...





JABOTICABAL/COSMÓPOLIS/CONCHAS.SP

SÃO PAULO TAMBÉM É PEQUENO

ENFRENTANDO OPOSIÇÃO CERRADA E FALTA DE VERBAS, ELES MOSTRAM O "MODO PETISTA DE GOVERNAR".



BACARIN:
mutirões funcionando com precisão



PIVATTO:
75% em Cosmópolis acham ótimo ou bom

Jaboticabal e Cosmópolis. Uma com 60 mil habitantes, outra com 36 mil. Uma a 340 km de São Paulo; outra, a 120. Duas cidades que têm algo em comum. Os prefeitos de ambas chamam-se José, os dois são petistas e jovens, um foi eleito quando tinha 31 anos - Bacarin, de Jaboticabal, outro com 29 - Pivatto, de Cosmópolis. Os dois foram considerados verdadeiras "zebras" nas eleições de 1988. Nas duas cidades o partido já indicou por consenso seus candidatos à sucessão e as campanhas já estão nas ruas.

Pesquisas realizadas recentemente dão cerca de 75% de ótimo e bom para os dois governos, apesar de nenhum deles ter visto até agora a cor do dinheiro de Fleury ou de Collor. "Se eu for fazer as contas, nós gastamos mais com as reformas de prédios do governo do estado - escolas, postos policiais etc. - do que recebemos deles", diz Pivatto. "Eles só ligam para a gente às vésperas de eleições. Os municípios, e não só os governados por petistas, têm que aprender a se virar sozinhos", arremata.

OPOSIÇÃO CERRADA. Sem verbas externas, os dois também têm que enfrentar oposição cerrada nas câmaras municipais. Em Jaboticabal, o PT tem 3 vereadores contra 14 dos partidos conservadores. Em Cosmópolis, são 5 contra 10. Como será então que eles conseguem governar? Uma pista: "Numa cidade pequena todo mundo se conhece, sabe onde os vereadores moram. Se nós apresentamos um projeto que realmente beneficia setores numerosos da população, é muito difícil um vereador ousar bloquear. O

povo vai às sessões da Câmara, muda de calçada quando cruza com alguém que ameaça votar contra os seus direitos", explica Bacarin. "Evidentemente também sofremos derrotas em votações, mas é muito difícil para eles rejeitarem projetos de forte respaldo popular", completa.

PRIORIDADES SEM MISTÉRIO. Educação, saúde, moradia, saneamento básico: o "arroz-com-feijão" para uma prefeitura de uma cidade pequena. É aí que batem firme Pivatto e Bacarin. Os dois desenvolveram projetos modelos de habitação popular. Os "mutirões" funcionam com total precisão: a prefeitura cede o terreno, do município ou desapropriado, monta uma "fábrica de blocos" - um galpão aberto e uma máquina, apenas -, faz os projetos, coloca técnicos à disposição. As famílias cadastradas constroem suas casas nos fins de semana. Uma creche municipal abriga as crianças menores enquanto isso.

As casas de Cosmópolis são construídas de acordo com três projetos diferentes, a escolha ficando a cargo das famílias. As de Jaboticabal têm 47 m² de área construída, num terreno de 160 m² e o proprietário já recebe uma planta para a ampliação. José Bacarin deixará 507 casas do "mutirão" prontas até o final do ano e já entregou outras 481 iniciadas pelo governo anterior. A administração de José Pivatto, em Cosmópolis, já conta com 655 casas construídas ou em fase de construção e tem como meta encerrar o ano com mais 636 lotes distribuídos. Uma comparação: nos 12 anos anteriores os governos de Cosmópolis

distribuíram 400 lotes; em quatro anos a prefeitura petista deixará 1291 lotes distribuídos.

Enquanto caminha pelo "Conjunto Habitacional 1º de Maio", que reúne as 507 casas de Jaboticabal, Bacarin não pára de ser saudado pelas famílias que trabalham com toda a vontade. Pedidos, evidentemente, também não faltam. Um chama o prefeito de lado e pede um violão de presente. Outro pede a Bacarin que lhe autorize erguer o muro de sua casa um metro adiante, contrariando a orientação do engenheiro da prefeitura. "Eles acham que o prefeito pode resolver tudo, é uma cultura difícil de mudar", diz Bacarin.

A área da saúde é outra prioridade dos dois governos. Ambos reformaram e equiparam os centros de saúde que receberam, construíram outros, instituíram o 3º turno de atendimento, aumentaram o número de médicos, compraram mais ambulâncias, construíram laboratórios, implementaram programas ousados de prevenção odontológica, levaram equipes para os bairros distantes. Em Jaboticabal, a participação da saúde no orçamento municipal pulou de 4% para 16% já no primeiro ano da nova administração.

Na educação, o quadro é o mesmo. Escolas e creches reformadas e construídas, programas especiais para os meninos de rua, cursos de alfabetização de adultos, centrais municipais de preparo da merenda escolar que atingem até a rede estadual, mais professores, programas para idosos. Em 1989, nada menos que 38% do orçamento municipal de Cosmópolis foi destinado à educação, um recorde na história da cidade.

SÃO JOÃO DO TRIUNFO . PR

HOMEM DO CAMPO TEM VEZ

A PRIORIDADE É O TRABALHADOR RURAL, MAS O PRIMEIRO ATO FOI FAZER FUNCIONAR O HOSPITAL.



JOSÉ MARIA TARDIN:
democratização das decisões

Numa madrugada de inverno, em 1983, uma mãe e seu bebê morreram por falta de condição de realização de uma cesariana em São João do Triunfo, no interior do Paraná, a 120 km de Curitiba. Revoltado com a situação, o padre da cidade, Estêvão Hubert, resolveu mobilizar a comunidade para construir um hospital. Muitas festas, bingos e coletas depois, em 1986, o hospital estava pronto. Mas, em janeiro de 1989, quando o PT assumiu a prefeitura da cidade - com apenas 12 mil habitantes, economia basicamente agrícola e de colonização polonesa - o hospital continuava fechado. O único médico que atendia no posto de saúde local ficava na cidade cerca de quatro horas, três dias por semana.

A questão da saúde foi a primeira a ser atacada pelo prefeito José Maria Tardin e sua equipe. Hoje o hospital está em pleno funcionamento, com 25 leitos, centro cirúrgico, laboratório, raio X, fisioterapia e outros serviços. Quatro médicos, de várias especialidades, atendem os pacientes do hospital, um posto na cidade e cinco no meio rural. A prefeitura mantém o hospital em convênio com o Sistema

Unificado de Saúde e paga os salários de três médicos e mais de 20 enfermeiros, auxiliares e atendentes. O serviço se completa com quatro gabinetes odontológicos - três dos quais em instalação.

Na área da educação o trabalho também foi grande. Até o fim do ano estarão construídas 48 salas de aula, contra 53 existentes até 1988. A melhoria da qualidade de ensino reduziu a evasão escolar para uma taxa de 8% ao ano e a repetência, que era de 32% em média, caiu para 17% no último ano.

A melhoria na qualidade de vida da população mais pobre também fica evidente quando se verifica que a rede de abastecimento de água já beneficia 97% das residências (contra 60% em 1988) e a de energia elétrica alcança 95% das casas (70% em 1988). O déficit habitacional caiu de 100 moradias para 68, com a entrega de 32 casas construídas pelo sistema de mutirão.

PRIORIDADE. Mas a principal preocupação do prefeito José Maria é com os trabalhadores do meio rural. Por isso, ele gosta de destacar o programa de eletrificação que irá atingir até o

fim do ano 500 propriedades, com um custo 60% inferior à ligação normal. "É um programa que potencializa a economia do município, porque aquece a venda de eletrodomésticos e permite a melhoria das condições de vida e trabalho da população rural", diz o prefeito.

Ter adotado essa prioridade levou também a um avanço na organização dos agricultores junto ao Sindicato Rural, à Associação dos Pequenos Proprietários ou o Conselho Comunitário. Atuando em conjunto, eles conseguem baratear as compras de sementes, fertilizantes e calcário, ajudados pela prefeitura, que dá infraestrutura e transporte para isso.

"A democratização das decisões, a busca de diálogo com a população na elaboração do orçamento e nas outras questões importantes é outro diferencial da administração petista", fala José Maria, mesmo reconhecendo, humildemente, que existem erros e lacunas em sua gestão.

A oposição, porém, sabe que os acertos foram em muito maior número e faz todo o esforço possível para unificar cinco partidos diferentes, a fim de impedir a reeleição dos petistas.

J.B. PRATT/AE



PAULO NUNES:
meta é desenvolvimento industrial de Conchas

APOIO POPULAR. Água e esgoto, iluminação pública, coleta de lixo, asfalto: os serviços públicos melhoram em qualidade e quantidade, todos os dados provam. Na área de cultura e esportes, ponto para Cosmópolis. A lista de iniciativas é enorme: biblioteca municipal reformada, instalação da sala de leitura, da videoteca, da oficina de artes, contratação da banda municipal, formação de banda infantil/juvenil, promoção do "carnaval popular", construção do ginásio de esportes da cidade, das pistas de motocross, bicicross e skate, nove novos campos de futebol - um para cada time de Cosmópolis - até o fim do ano. Muita coisa para uma pacata cidade do interior de São Paulo.

Todas estas realizações dão a Pivatto e Bacarin um forte respaldo popular. Os dois, porém, têm outra característica em comum: mantêm contatos e reuniões constantes com a população e com o partido. As assembleias nos bairros são regulares, os gabinetes dos prefeitos são abertos

para audiências públicas, os orçamentos anuais são decididos em conjunto com a população. Numa cidade pequena, o contato com o prefeito é fácil. Se o cidadão não consegue ser recebido na prefeitura, ele não tem dúvidas: vai direto à casa do alcaide. "Às vezes chega uma pessoa muito nervosa, fora do controle. Daí eu digo: não adianta ficar brava, pode dar uma úlcera, né?", fala Pivatto tranqüilo.

ERROS ESTRATÉGICOS. Os dois prefeitos avaliam que o PT errou na forma como apresentou os chamados "conselhos populares" em 1988 por todo o país. "Não há movimento organizado que sustente 'conselhos' permanentes como visualizávamos. A população se mobiliza em torno de reivindicações determinadas, quando elas são satisfeitas o movimento desmancha", diz Bacarin. "Além do mais, a grande maioria vê o prefeito como responsável pela resolução de todos os problemas sozinho, eleito com essa missão. Na área de saúde, por exemplo, é possível ter um 'conselho' mais organizado, mas sem grandes pretensões", afirma.

"Nossa visão, em 1988, era a de quem não acreditava que algo poderia ser feito via instituição e que, por isso, era necessário criar um outro poder. Era uma visão romântica", conclui.

Pivatto também bate nessa tecla ao afirmar que "a função da administração é abrir espaços. Cabe ao partido organizar".

São experiências e avaliações que não podem ser desprezadas, ainda mais em pleno ano eleitoral. Mas Pivatto e Bacarin ressentem-se de uma maior dedicação do

partido às prefeituras das cidades menores. Ficaram furiosos com a ausência de qualquer referência às suas cidades no último programa eleitoral transmitido por televisão - exatamente aquele dedicado ao "modo petista de governar". Dizem que a relação com os diretórios regional e nacional "é boa, mas frouxa". Bacarin reclama dos deputados estaduais petistas: "Não existe relação, somos ignorados". Constatam que o próprio contato entre os prefeitos é muito limitado. "No começo aconteceram algumas reuniões regulares. Agora, é muito raro", diz Bacarin. Resultado: as experiências não são trocadas. "Às vezes eu ligo pra um prefeito e pergunto: como é que você resolveu tal problema?", ele explica.

INTERESSE. Multiplicam-se, entretanto, suas visitas a outras cidades, convidados por diretórios municipais do partido, para falarem sobre seus governos. As pessoas querem aprender com suas experiências, num ano que tudo indica ser altamente favorável para a conquista de muitas outras prefeituras. Pivatto brinca, consciente do sucesso: "Eu tenho dito que o programa eleitoral do partido neste ano vai ser bem diferente daquele que apresentamos em 1988. Para o Mauro Pereira - o candidato petista à sua sucessão - vai ficar só a manutenção da cidade".

Quem já esteve lá, sabe que não é pretensão do prefeito. A certeza do dever cumprido é tanta que, nas duas cidades, se produz um novo fenômeno este ano: todos os partidos conservadores tentam se juntar para lançar uma candidatura única contra os petistas.

Mas, mesmo entre aqueles que se opuseram às mudanças em 1988, há reavaliações: "Você sabe, né, este pessoal do PT é muito encardido, eu não votei neles, mas é preciso reconhecer que eles estão fazendo muita coisa boa". A frase, dita pelo dono de uma grande loja de material de construção de Cosmópolis, não deve levar um petista mais ortodoxo à conclusão de que "estamos capitulando perante a burguesia". Mas deve incentivá-lo a ir ver de perto o que está sendo feito de novo.

RECESSÃO NÃO PÁRA CONCHAS

Conchas, 11.000 mil habitantes, a 198 km de São Paulo, tem um orçamento para este ano de apenas 3 bilhões de cruzeiros. A folha de pagamento dos seus 300 funcionários consome 58% das receitas mensais. Na Câmara, o PT tem apenas um vereador. Dos governos estadual e federal só vieram migalhas nesses quase quatro anos de gestão. Porém, nada disso foi suficiente para impedir o crescimento da cidade e a melhoria das condições de vida da população, em pleno período de recessão.

Foram construídos pela administração popular, tendo à frente o prefeito Paulo Nunes de Almeida, uma creche, dois maternais, quatro postos de saúde e um hospital municipal. Foram entregues 92 casas populares, construídas do governo anterior, e outras 105, construídas neste governo. Mais 104 estão em fase de acabamento e outras

100 estão sendo negociadas com a Cohab. Na zona urbana, 95% das residências possuem água e esgoto.

A inversão de prioridades norteou todos os orçamentos do município e apontou a saída da luta pelo desenvolvimento industrial, que é hoje a principal meta a ser conquistada pelo governo. Nesse sentido, a conquista do Porto Fluvial do rio Tietê envolveu toda a população, sob a iniciativa da administração municipal, que entendeu que é necessário tirar a região do 2º lugar em pobreza no estado.

O transporte coletivo é gratuito, não há um menor abandonado, todas as crianças estão trabalhando ou estudando.

Todos esperam para 1992 uma nova vitória, apesar de Conchas ser entre as prefeituras petistas em São Paulo, uma das que mais se ressentem de um maior acompanhamento dos órgãos partidários.

JAGUAQUARA - BA

SUCESSO À REVELIA DE ACM

EDUCAÇÃO, SAÚDE, MORADIA E ESTRADAS SÃO MELHORES, SEM UM TOSTÃO DO ESTADO.



OSWALDO MORAES:
multiplicação da rede de ensino

O grande problema enfrentado pela prefeitura de Jaguaquara, localizada a 320 km de Salvador, é o mesmo que atinge a maioria das cidades governadas pelo PT no resto do país: a má vontade explícita dos governos federal e estadual na liberação de verbas para tocar a administração. Nesses mais de três anos com o PT na prefeitura, foi assinado apenas um convênio (em abril de 1989, ainda com Sarney no governo federal e Waldir Pires no estadual) com o Ministério da Ação Social, para atender os desabrigados da chuva e distribuir cestas básicas.

Desde que Antônio Carlos Magalhães assumiu o Palácio de Ondina, as portas do cofre se fecharam de vez, não saindo mais nem um centavo para Jaguaquara. Nas raras audiências que teve com ACM, o prefeito Oswaldo Moraes saiu com algumas promessas no ouvido e nenhum tostão nas mãos. "Parece que só vamos ter dinheiro quando houver calamidade pública", brinca Moraes.

Mesmo assim, a pequena Jaguaquara, no sudeste baiano, quase às margens da Rio-Bahia, conseguiu resultados expressivos nas áreas de

educação, saúde e habitação nesses três anos.

NÚMEROS. Antes do PT, a cidade contava com 2 mil alunos matriculados na rede de ensino. Esse número pulou já para 6 mil, em 79 escolas. Na saúde, a cidade contava com apenas dois postos de atendimento médico, funcionando precariamente. Hoje, está quase pronto o Hospital Municipal, um velho sonho da população, sendo que o ambulatório já está concluído, para atender casos mais urgentes. Além disso, foram construídas 200 casas populares e recuperadas outras 300. Os mais de mil quilômetros de estradas do município foram recuperados com recursos municipais (o orçamento para 1992 é de Cr\$ 3,31 bilhões, 65% comprometidos com a folha de pagamentos).

Na área agrícola - maior fonte de renda do município - a administração promove modificações para aumentar e melhorar a produção de hortifrutigranjeiros, cacau e café (culturas básicas do município) e desenvolve um trabalho de orientação técnica, dando ênfase à adubação orgânica e a tecnologias alternativas. Veterinário,

agrônomo e assistente social são colocados à disposição dos pequenos e médios agricultores.

OUTRO PETISTA. A cidade tem pouca tradição de movimentos populares, mas já há um início de organização para exigir o funcionamento dos serviços de água e esgoto, responsabilidade do estado, além de energia elétrica.

Há 13 vereadores, dos quais 4 são do PT, 6 do PFL, 1 do PMDB e 2 do PDC. Para a sucessão municipal, há expectativa de coligação do PT com o PSDB, já estando definido o nome do médico Paulo Sérgio de Oliveira Nunes, atual diretor de Saúde do município, como candidato a prefeito. Pesquisa recente feita pela própria direita (o grupo ligado a ACM) indica uma preferência de mais de 60% pelo nome de Paulo Sérgio Nunes.

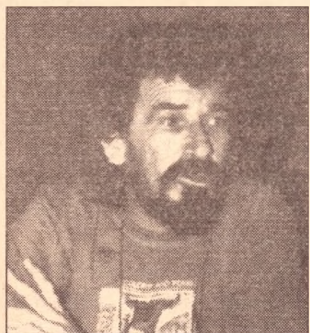




JOÃO MONLEVADE E TIMÓTEO-MG

ADMINISTRAÇÕES DE AÇO

**METALÚRGICOS
DEFINEM
PRIORIDADES NESSES
DOIS MUNICÍPIOS
QUE NASCERAM E
VIVEM DA
SIDERURGIA**



LEONARDO DINIZ:
saúde é prioridade em Monlevade



GERALDO NASCIMENTO:
mais de mil casas construídas em Timóteo

As duas nasceram em torno de usinas - João Monlevade começou em função da Siderúrgica Belgo-Mineira, Timóteo nasceu a partir da implantação da Acesita - e têm praticamente a mesma população - a primeira tem 59.343 habitantes; a outra, 58.395. João Monlevade está a 108 km de Belo Horizonte, Timóteo a 210. Ambas são administradas pelo PT e seus prefeitos garantem que vão continuar assim em 1993. Muitas semelhanças, algumas diferenças.

João Monlevade:
saúde em primeiro lugar.

Quando o PT assumiu a prefeitura, em 1989, trouxe para a administração uma história de lutas do sindicalismo metalúrgico, apoiado por movimentos populares e religiosos. O prefeito Leonardo Diniz foi presidente do sindicato dos metalúrgicos por dois mandatos seguidos. Com uma economia começando a se diversificar do monopólio do aço, a cidade carrega uma forte influência do clientelismo, tradicional na política mineira, aliada a uma "cultura de usina" disseminada em todos os setores da vida municipal.

A equipe de Leonardo Diniz encontrou uma prefeitura cheia de vícios e irregularidades: mais funcionários do que funções, chefias para unidades inexistentes, nenhum cadastramento para cobrança de impostos, cofres vazios, abastecimento de água deficiente, sistema de saúde e transportes precários, poluição, desemprego.

A reforma administrativa foi uma das primeiras providências. A cidade foi dividida por setores, com suas necessidades levantadas por conselhos populares, que elegeram a saúde como prioridade.

Gilberto Reis, o secretário da saúde, encontrou os médicos recebendo de acordo com o número de consultas. Com base no Sistema Único de Saúde, teve que mudar tudo, tendo como referência as ações coletivas. Quando foi proposto que os médicos fizessem concurso público, muitos deles torceram o nariz, mas depois de muita negociação com a Associação dos Médicos só 10 dos 52 médicos não aceitaram a nova norma.

PRIMEIROS RESULTADOS. No início do governo 40% da população carecia de saneamento básico. Foi estabelecida a meta de se atingir os 100% até o fim do mandato. Até aqui foi concretizada 85% da rede de esgoto, 99% de iluminação e 80% de urbanização.

Foram equipados oito centros de saúde e três clínicas odontológicas, construiu-se mais um centro de saúde e uma policlínica e criaram-se três centros de referência: um que cuida das doenças geradas no processo produtivo, outro para doenças mentais -

inclusive com hospital de dia - e um terceiro de vigilância sanitária, epidemiológica e de meio ambiente.

Mereceu atenção especial do governo também a questão do desemprego, muito alto na cidade. Através da Secretaria da Ação Social, uma série de cursos profissionalizantes foram criados, como o para eletricitistas e para culinária. Há quase dois anos está funcionando a Lavanderia Comunitária, uma casa com diversos tanques e varais e lugar para passar roupa, administrada pela Associação das Lavadeiras. O espaço foi construído pela prefeitura e cada lavadeira entra com 10% do que ganha para a manutenção do local.

De um universo de 8.400 crianças de seis meses a quatro anos, foi constatado que 2.670 apresentavam sinais de subnutrição. A partir daí foi criado um programa de assistência, uma proposta de alimentação alternativa, baseada no baixo custo, alto teor nutritivo e fácil acesso, aproveitando recursos como folha de mandioca, farelo de arroz e sementes. Foram criadas também uma horta comunitária, uma chácara - cultivadas pelos aposentados - e um posto de abastecimento alimentar, que garantem a merenda escolar e os projetos de alimentação.

Monlevade foi uma das primeiras cidades a colocar em prática o Estatuto da Criança e do Adolescente, criou núcleos de atendimento e vários projetos estão em curso nessa área. Com verbas estaduais foram reformadas 12 escolas e desencadeados vários processos de democratização das relações nas escolas; duas novas foram ainda construídas.

PROBLEMAS. Mesmo com todos esses avanços, não deixaram de ocorrer problemas. Aconteceram duas greves do funcionalismo e uma do transporte coletivo, em 1990, levando a empresa que detinha a concessão a retirar todos os ônibus da cidade, exigindo que a prefeitura imediatamente nomeasse uma junta interventora e abrisse concorrência para um novo sistema de transporte.

Contando com apenas 4 dos 13 vereadores da Câmara, os petistas estão confiantes na vitória este ano. O médico Laércio Ribeiro, ex-secretário da Saúde, é o candidato escolhido por unanimidade pelo partido. Seus principais adversários devem ser PMDB e PFL, fortemente apoiados pelos dois jornais da cidade. Para enfrentá-los, é possível uma coligação com PDT e PCdoB.

Timóteo:
superando os conflitos internos

A siderurgia é responsável por 92% da arrecadação do ICMS de Timóteo. A Acesita utiliza a mão-de-obra de 8 mil pessoas, gerando emprego direto para outras 25 mil. É o suficiente para o município também

ser chamado pelo nome da usina.

O sindicato dos metalúrgicos deu origem ao PT local. Quando o prefeito Geraldo Nascimento assumiu, seu principal ponto de plataforma era a formação dos "conselhos populares". Mas eles não decolaram. Segundo o presidente do partido, Gilson Brasileiro, os vereadores não entenderam a proposta, achando que os conselhos iriam substituí-los. Os conselhos comunitários, que já existiam, também não queriam ser substituídos. Esvaziada a proposta, foi criado o "Projeto Cidadania".

O projeto nasceu com o objetivo de descentralizar a máquina administrativa, levando os bairros a conhecer suas limitações e seu funcionamento, provocando a desburocratização e criando canais de diálogo. O projeto percorre os sete bairros e durante um mês a população do bairro onde o projeto está atuando reivindica, avalia, propõe e participa de atividades culturais. Com base nesse trabalho foram criados conselhos municipais de orçamento, saúde e meio ambiente.

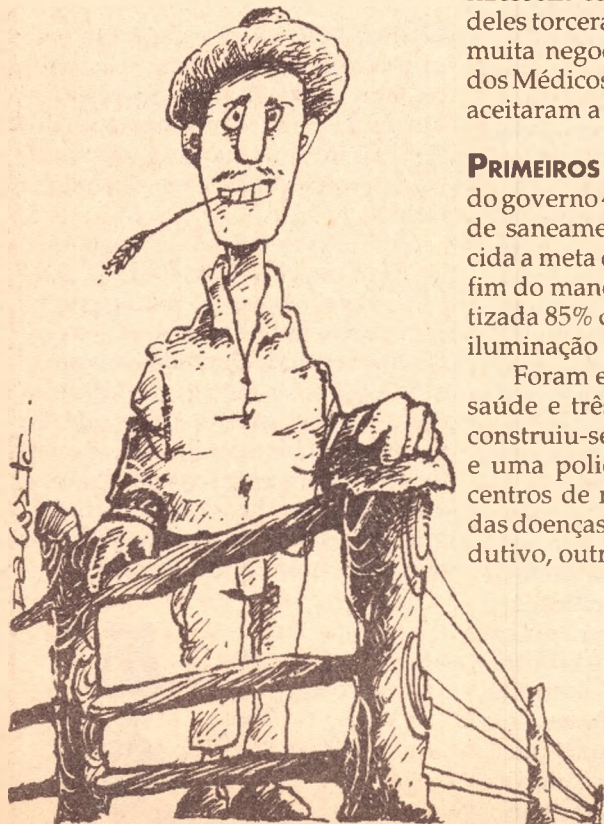
Foi criado também o projeto "Brincando na Escola", que, além de propiciar melhores férias às crianças, acabou transformando a escola num palco, incentivando as atividades artísticas. Foi grande também o investimento em reciclagem de professores, cursos e trocas de experiências.

RESULTADOS. Vários projetos foram implantados na área de saúde e construídos um centro odontológico, um centro de saúde e um centro de saúde incorporado a um centro de convivência. Estão em construção mais três unidades de saúde e um instituto de medicina alternativa.

Na área da habitação os dados são animadores: a administração petista construiu 650 casas para famílias com renda até três salários mínimos, mais 450 casas em bairros da periferia e 336 apartamentos, e foram assentadas 150 famílias em áreas de ocupação. Foram também adquiridos terrenos para atender 3600 famílias. Até outubro prevê-se que 90% do Programa Habitacional estará concluído.

Mas, assim como em João Monlevade, problemas sérios ocorreram. A relação com a Câmara foi sempre tumultuada. Duas greves do funcionalismo aconteceram. Na primeira, logo no primeiro ano de mandato, o prefeito rompeu com sua tendência, a Convergência Socialista. Outro momento tenso foi quando ocorreu uma ocupação de terra, tornando difíceis as relações com o sindicato e a direção do partido.

No entanto, as chances de vitória são reais em 1992. O principal desafio do PT é conseguir superar os conflitos internos e coesionar o partido. Com apenas 2 dos 15 vereadores da Câmara, qualquer bobagem pode ser fatal para as pretensões petistas este ano.



RONDA ALTA - RS

OS SEM-TERRA NO GOVERNO

UM LÍDER SINDICAL RURAL VIRA PREFEITO NUM FOCO DE TENSÃO E ADMINISTRA A CRISE



SAUL BARBOSA:
quase uma reforma agrária municipal

Entre pela madrugada em Ronda Alta - cidade com menos de 12 mil habitantes, distante 380 km de Porto Alegre - e fique com a impressão de uma cidade pacata: as casas não têm grades e os carros estão protegidos do sereno em garagens sem porta. Mas esses sinais de falta de roubos e assaltos não escondem a tensão latente dos conflitos de terra na região.

Foi ali, na vizinha Encruzilhada do Natalino, que se iniciou o movimento dos trabalhadores rurais e seus acampamentos na luta pela reforma agrária e é onde está um dos mais antigos assentamentos gaúchos. Também está em Ronda Alta uma das mais importantes experiências com saúde feitas no estado, o Hospital do Trabalhador, da Associação dos Trabalhadores Rurais de Ronda Alta. Ele atende gratuitamente, instalou postos de saúde e garante

ILICÍNEA-MG

O PREFEITO APANHADOR DE CAFÉ

ELE FUNDOU O SINDICATO E O PARTIDO. HOJE FAZ UM BOM TRABALHO NA PREFEITURA.



ZEZÃO:
incentivo à organização dos trabalhadores

visitas preventivas nas residências. Esse padrão levou a um reconhecimento em toda a região, que passou a se utilizar dos serviços do hospital.

Jogo Sujo. O prefeito Saul Barbosa foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e integrante da luta dos sem-terra, participando do processo de fundação do PT na cidade. Ao assumir a prefeitura, com minoria na Câmara, logo descobriu o jogo dos adversários. Seu antecessor, antes de transmitir o cargo para Saul, doou a maioria das máquinas do município a um antigo distrito que acabara de se emancipar.

O que sobrou estava quebrado. "Tivemos que recuperar as máquinas doadas e as quebradas", explica o prefeito. Mas havia reformas mais profundas a serem feitas: "É um município agrário e não havia Secretaria da Agricultura".

"O principal objetivo é manter o homem no campo", diz o secretário Jorge Buffon. Para isso criaram um viveiro para a produção de mudas e se incentivou a união entre pequenos produtores, para que produzam e comercializem conjuntamente. "Conseguimos deter a saída do campo, mas tivemos graves problemas com as secas e queda dos recursos federais para a agricultura", lamenta.

Outra mudança foi no uso das máquinas da prefeitura. "Antes elas só serviam nas terras dos grandes proprietários. Nós invertemos isso, abrimos estradas para facilitar o trânsito nas áreas dos pequenos produtores, colocamos mais ônibus no interior e instalamos novos postos de saúde."

A reforma agrária que o país exige só pode ser feita a nível nacional. Mas Ronda Alta deixa evidente que muito pode ser feito, pouco a pouco, em cada município que tiver um governo disposto a tocar nas feridas.

Quando chega a época da colheita do café, as mulheres colocam o vestido por cima da calça comprida, amarram um lenço por baixo do chapéu e se juntam aos trabalhadores que lotam os caminhos e se dirigem às fazendas, deixando a cidade vazia.

Em Illicínea, uma cidadezinha de 8.600 habitantes, localizada a 450 km de Belo Horizonte, no sul de Minas, região de terra fértil e verde exuberante, a população vive em torno do café, principal economia. A administração municipal petista nasceu do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e venceu as eleições, tendo contra si toda a força da igreja conservadora. O prefeito José Nicodemus, o Zezão, trabalhador rural, foi fundador do sindicato e do partido.

Mesmo com grande dificuldade de recursos e carência de quadros, a prefeitura incentivou a organização dos trabalhadores, através de centros comunitários, que foram experimentados com três setores da zona rural, com bons resultados. Essas comuni-

SEVERIANO DE ALMEIDA-RS

EVITANDO O ÊXODO RURAL

NA MENOR CIDADE ADMINISTRADA PELO PT, A PREOCUPAÇÃO É MANTER O HOMEM NO CAMPO.



NILO ZAGO:
prioridade para assessoria técnica, saúde e educação

Em princípio, Severiano de Almeida - o menor município administrado pelo PT no país não foge à regra das minúsculas cidades (tem pouco mais de 4 mil habitantes): a pracinha, a igreja - de um tamanho desproporcional ao lugar -, a prefeitura, a telefônica - ao todo são 130 linhas e a telefonista sabe de cor os números porque não há discagem direta no município - e o sindicato dos trabalhadores rurais. A cidade está a 400 km de Porto Alegre.

A colonização italiana define os costumes do lugar. Em meio a qualquer conversa, invariavelmente é citado um ditado ou palavra do país de origem. A diversão preferida são os bailes. Nos domingos são imprescindíveis os campeonatos de bocha, futebol, muita música e mesa farta.

Uma figura que se destaca é o

padre Ivo. Além do bom relacionamento com a comunidade, nos fins de semana após a missa ele pega a sanfona para cantar e tocar com os moradores.

A maior parte da população se ocupa na agricultura. Nas refeições, quase tudo o que é servido é produzido lá mesmo: salame, pão, cuca, queijo etc.

EVITAR O ÊXODO. A preocupação central do governo municipal, que tem à frente o prefeito Nilo Zago de Almeida, é evitar o êxodo rural. Com um orçamento anual de 1,3 bilhão de cruzeiros, a prefeitura tenta dar toda a infra-estrutura mínima necessária para os agricultores: assessoria técnica, saúde e educação são as prioridades. O transporte escolar é subsidiado, um ônibus e duas kombis percorrem as colônias para levar os alunos às escolas e trazê-los de volta.

Mesmo contando com apenas 2 dos 9 vereadores da Câmara e sem verbas estaduais e federais, a lista de realizações da prefeitura não é nada desprezível para um município tão pequeno: aquisição de cinco máquinas, quatro automóveis e um ônibus, construção de duas escolas, complementação da merenda escolar, investimentos nas creches e nas bibliotecas, aperfeiçoamento do serviço odontológico, aumento das consultas no posto de saúde, reforma do módulo esportivo e término da construção do ginásio de esportes, construção de abrigos para ônibus, rede de esgoto e ponte, instalação de duas redes telefônicas etc.

Mantendo relações amistosas com o PDT local - que tem dois vereadores - o grande adversário eleitoral este ano deve ser o PMDB, mas a convicção de que a reeleição dos petistas virá é geral entre os integrantes do governo.

dades, além de opinar, discutir e reivindicar estão desenvolvendo coletivamente uma criação de peixes e uma plantação de arroz com irrigação natural. Para facilitar o escoamento dos produtos, a prefeitura abriu e consertou estradas, arrumou as pontes, construiu terreiros de café para uso coletivo e ainda transporta os mutirões para a colheita.

AMPLIANDO OS SERVIÇOS. Para que todos pudessem estudar, aumentou-se o número de professores, construindo-se escolas rurais, um supletivo na cidade e a escola da APAE. "No posto de saúde havia apenas um médico pra atender todo mundo", diz Zezão; "agora, tem quatro. Tinha um dentista, agora tem três". As casas que estavam estragadas, sem telhado e meio caindo, foram todas consertadas.

Com o intuito de juntar o povo da roça, que fica todo disperso, nos sábados tem o "Projeto Viola nos Bairros", que percorre as vilas, onde todos se reúnem para dançar o forró. E para não deixar morrer o futebol da roça e fazer com que haja integração entre

as 20 comunidades e a cidade, a prefeitura incentivou o campeonato, que acontece uma vez por ano, mas que mantém a chama acesa o ano todo.

O prefeito Zezão se orgulha de dizer que juntou muita gente no "Festival da Juventude", em 1990, organizado pela prefeitura e que ele quer repetir este ano. O "Festival" foi também um grande exemplo de cooperação entre as prefeituras petistas, pois, com o apoio de Piracicaba, se apresentou "A Missa dos Quilombos"; com o apoio de Jaboticabal, uma banda de música; com a força de Monlevade, um coral; de Timóteo veio uma peça de teatro e de Cosmópolis um show. Foi uma verdadeira festa do interior.

Agora, o que o deixa satisfeito, mesmo pensando que as coisas não acontecem como eles tinham programado, é que "antigamente, aqui na prefeitura não vinha ninguém, era vazia. Hoje não, a prefeitura fica lotada de gente. O povo se sente em casa, tem mais liberdade porque sabe que quem está aqui é gente que nem eles mesmo, apanhador de café".



JANDUÍS-RN

O SERTÃO MUDANDO DE CARA

NUM QUADRO DE DIFICULDADES, A PROVA DE SUCESSO É A VITÓRIA DO PT NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES.



BEZERRA:
impulso à cultura popular

Como a maioria dos municípios nordestinos da zona rural, Janduís - 9.000 habitantes, a 280 km de Natal - tem sua base econômica na agropecuária. Isso implica a dependência da sua produção material em relação às políticas estadual e federal, além das flutuações climáticas tão comuns no semi-árido.

A praga do chamado bicudo na cultura do algodão veio agravar mais ainda a frágil economia do município: menos arrecadação, desemprego, migração para a cidade, necessidade de maiores serviços da prefeitura. O redirecionamento de parte da economia para a pecuária não solucionou o problema, já que esta absorve pouco a força de trabalho, exclui culturas consorciadas como o milho e o feijão e é acessível a um menor número de pessoas. Iniciou-se a produção de queijo, mas o volume produzido não chega a mudar o perfil do município. Tanto é assim que desde a praga do bicudo, Janduís importa praticamente a totalidade dos produtos alimentícios. O comércio, por sua vez, é pouco dinâmico, em virtude da sua dependência

da agropecuária.

O quadro econômico sinteticamente indicado, porém, é apenas uma das faces de Janduís. A partir das eleições de 1982 surgem elementos novos, especialmente com a vitória de um grupo de esquerda conhecido como Comitê Gregório Bezerra, ou simplesmente CGB, na época atuando no então MDB. A vitória de Salomão Gurgel e sua subsequente gestão à frente da prefeitura representa uma nova fase na história de Janduís: infra-estrutura física, serviços de saúde e educação, creches, abertura para a participação popular etc.

ENTRA O PT. O segundo capítulo da nova face referida vem com a eleição de José Bezerra para prefeito, já na legenda do PT. Com a chapa majoritária, foram também eleitos 5 vereadores, embora 2 tenham saído depois. Data desta atual gestão a continuidade de várias ações da gestão anterior, como as creches, conjuntos habitacionais, escolas, saúde e outras atividades. Do ponto de vista específico, con-

tudo, merecem registros na administração de José Bezerra o grande impulso dado à cultura popular, uma maior descentralização administrativa e a existência do próprio PT em Janduís. Destaque-se também, mesmo não sendo um órgão da prefeitura, o crescimento e consolidação do trabalho feito pelo Conselho Municipal, atualmente tendo a vereadora Irene Lopes como sua presidente (o Conselho já mereceu notícias, por exemplo, na revista *Teoria e Debate* e outras).

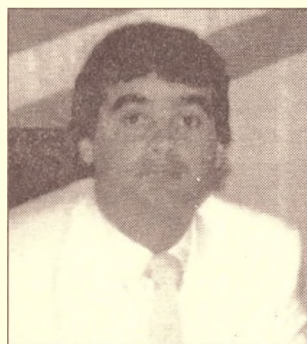
Do ponto de vista absoluto, os números apresentados parecem sem significação ou mesmo ter uma expressão negativa. Todavia, para quem conhece o mínimo dos pequenos municípios rurais do Nordeste, as ações e atividades citadas têm uma importância fundamental. Não é por acaso que o PT desde que foi criado na cidade, nunca teve uma derrota eleitoral em Janduís (Lula ganhou nos dois turnos em 1989 e o candidato a governador do PT também venceu em 1990) e seus habitantes, hoje, sintam-se cidadãos, apesar das dificuldades e em virtude de muitas lutas.



AMAMBÁI-MS

A DIREITA ESTÁ ALVOROÇADA

O PT SE CONSOLIDA NA CIDADE E PODE VIRAR ALTERNATIVA POLÍTICA PARA A REGIÃO



"PREGO":
maior número de hortas domiciliares no estado

A cidade de Redondo (a 345 km de Campo Grande) tem o único prefeito petista de Mato Grosso do Sul. Anílson Rodrigues de Souza (o "Prego"), conseguiu levar um partido de esquerda ao Governo do município, depois de mais de quarenta anos de domínio dos partidos de direita na região.

Amambái, de acordo com o censo de 1980, tinha uma população de 58.524 habitantes, sendo 31.351 urbana e 27.137 na rural, com densidade populacional de 9,30 habitantes/km². Mas o censo de 1991 registrou uma população de 25.921 habitantes, sem, no entanto, fornecer maiores detalhes sobre sua distribuição. O número de eleitores, de acordo com este último censo, é de 14.146, ou seja, 680 a menos do que apontava o censo de 1980.

Prego administra um orçamento de Cr\$ 4 bilhões, 328 milhões e 562 mil para este ano. Das despesas mensais da prefeitura, 48% são destinados ao pagamento do funcionalismo. Pela ordem, aparecem como prioridades no orçamento os setores de educação e saúde.

A composição da Câmara não é nada cômoda para o governo municipal do PT. Dos 11 vereadores, 7 são do PST, 1 do PMDB, 1 do PRN e 1 do PTB.

O único vereador eleito pelo PT, José Liberato da Rocha, abandonou o partido e ingressou no PST. A administração municipal é exclusivamente petista e tem no PST o seu maior adversário.

APOIO AO CAMPO. A economia do município é baseada na agropecuária. Na suinocultura, oito produtores, integrados com a Ceval, produzem 1.200 leitões por mês. São 700 matrizes da mais alta linhagem, com excelente rendimento. Oito aviários, cada um com capacidade para 12 mil frangos para corte, estão em fase de conclusão. O Programa de Inseminação Artificial, desenvolvido desde março de 1988 (já existia no governo anterior, mas só na administração democrática e popular deu resultado positivo, eliminando o problema de abastecimento de leite na cidade no período de entressafra) conta atualmente com 83 produtores inscritos. O pecuarista Valdemar da Silva obteve com seus animais o melhor rendimento do programa, com 58 nascimentos.

O Programa de Hortas Domiciliares, com a distribuição gratuita de sementes e adubos orgânicos e prestação de orientação técnica, deu a Amambái a condição de cidade com maior número de hortas caseiras no estado (total

de 500, de 1989 para cá). A idéia se ampliou a partir desse programa e hoje a cidade já conta com oito hortas comerciais (quatro com estufas, num total de 2.200 m² de cobertura plástica).

ESCOLAS PARA ÍNDIOS. A Secretaria de Educação desenvolve, desde 1989, um Programa de Ensino Guarani, Educação Indígena Bilíngüe (com aulas em guarani e português, utilizando professores indígenas e alfabetizando crianças e adultos). Este programa reduziu os índices de evasão e repetência nas escolas indígenas.

A relação com os governos estadual e federal é deficiente. A postura de oposição política se reflete na falta de verbas. O município não recebe recursos do estado, também do governo federal, recebeu verbas apenas para a conclusão da escola agrotécnica e do convênio SUS (Saúde).

Valdir Périus, 31 anos, professor, vice-prefeito e atual secretário da Educação, é o pré-candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores. Segundo ele, a direita está "alvorçada" porque vê na sua candidatura a possibilidade de consolidação do PT na cidade e região, como uma alternativa política para a população.

Estratégia contra o PT

De olho no segundo turno, os partidos de oposição fazem seus lances.

Quem se candidata pela oposição à prefeitura de Porto Alegre, uma cidade que nunca reelegera a situação? A rigor, somente o deputado estadual do PDT, Carlos Araújo, se dispõe a enfrentar Tarso Genro, o vencedor das prévias do PT, realizadas em 4 e 5 de abril. Há ainda João Signorini, do inexpressivo PL, e Valdir Fraga, do PTB —um partido com nove deputados estaduais, graças aos mais de 300 mil votos do radialista Sérgio Zambiasi. PDS e PFL estão sem candidatos e indicaram seus melhores quadros para disputar a vereança. Por fim, o PMDB vai esperar até 10 de maio para dizer com quem concorre. A causa deste quadro, numa cidade onde a oposição sempre arranca à frente em qualquer disputa, é o desempenho da administração de Olívio Dutra, eleito em 1988 com 34% dos votos, por uma coligação do PT com o PCB, hoje apoiada pelo PSB.

No dia 2 de janeiro de 1992, o jornal Zero Hora publicou pesquisa do Ibope com estes resultados sobre a prefeitura: 6% achavam ótima; 31% boa; 40% regular; 6% ruim; 15% péssima. Além disso, a pesquisa revelou que se a eleição de 1988 se repetisse, Olívio ficaria com 30%. Em segundo lugar estaria o deputado federal do PMDB, Antonio Brito, com 21%, e Carlos Araújo com 7%.

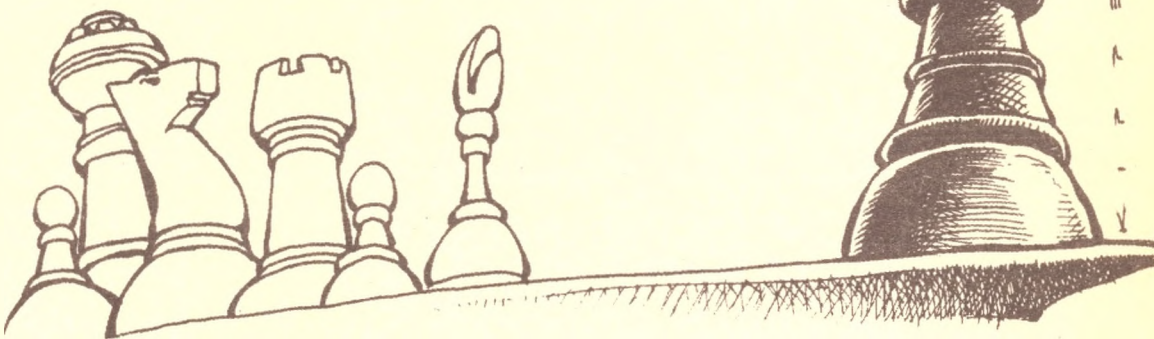
Esta enquete confirmou outras, feitas pela própria prefeitura, e colocou em polvorosa os adversários políticos do PT. O mais lido colunista da Zero Hora, Paulo Sant'Ana (que também é locutor da Rádio Gaúcha e apresentador da RBSTV, todas do grupo RBS, que monopoliza as comunicações do Estado), escreveu: "se o PMDB não tiver um bom candidato, ninguém tira esta eleição de Tarso Genro". Em seguida, uma nova pesquisa dava o deputado federal Ibsen Pinheiro, do PMDB, como o segundo da preferência. E a soma de votos dele e de Brito era maior do que a de Tarso.

O PMDB se mobiliza e quer Ibsen. Ele mesmo declarou: "se dependesse de mim, já estaria em campanha." Depende de quem, então? Ao que parece, dos planos de Orestes Quêrcia candidato a líder da oposição nacional a Collor; nestes planos, Ibsen é peça fundamental no Congresso.

MOVIMENTO DAS PEÇAS. No fundo, o objetivo é o segundo turno, para ver quem consegue concentrar mais votos anti-PT. Por isso, muita gente saiu desde já da disputa, como o ex-governador Jair Soares, do PFL, alegando ser "a campanha muito cara". Na verdade, é o cacife eleitoral que não segura: em 1988, coligados, PDS e PFL ficaram com 13%, em terceiro.

Lugar que repetiriam agora, de acordo com a pesquisa divulgada em 2 de janeiro. Se conseguissem entrar no segundo turno, perderiam para uma união do PT e do PDT (só nesses casos eles se juntam no Rio Grande do Sul), mais PMDB.

O PDT passa por dúvida semelhante, pois Carlos Araújo lançou-se ainda em 1991 (concorreu em 1988 e foi o segundo) e não consegue passar dos 18% nas pesquisas, enquanto Tarso está com 35%. Houve movimentos internos para trocá-lo pelo deputado federal



Carrion Jr., mas Araújo detém o poder nas zonais e saiu vencedor. Porém as elites sabem: é mais fácil um eleitor do PDT votar no PMDB no segundo turno, que o contrário. O eleitorado peemedebista se divide. São dados que fazem as elites opositoristas convergirem

para Ibsen ou Brito (que é comentarista político da RBS).

No PT, todo esse movimento gera o pânico do 'já ganhou'. O presidente municipal do partido, vereador José Valdir, divulgou um texto onde afirma: "a burguesia está tentando nos incutir esta idéia - a

do 'já ganhou' - para nos desmobilizar" e pede pela volta da garra petista. Tem sentido: em 1988, o partido reuniu três mil filiados para escolher Olívio candidato. Nas prévias de 1992, houve 1.320 participantes.

MARCO A. SCHUSTER
de Porto Alegre

Os trabalhadores e o meio ambiente. Não vire esta página. Chegou a VIDEOREVISTA.

No ano da conferência mundial sobre o meio ambiente a TV dos Trabalhadores lança a "VIDEOREVISTA". De dois em dois meses, um vídeo mostrando como o modelo de desenvolvimento e a distribuição da riqueza interferem com o meio ambiente, comprometendo o futuro do planeta. As questões polêmicas, as curiosidades, a discussão das alternativas sob o ponto de vista dos trabalhadores. 45 minutos de informação num formato dinâmico e acessível. Discutir e aprender com a VIDEOREVISTA fica mais fácil, os trabalhadores organizam melhor sua relação com o mundo e a natureza agradece.



VIDEOREVISTA

PREÇO:

- Venda avulsa: Cr\$ 62.500, - Quantidade:.....
- Assinatura anual (6 programas): Cr\$ 300.000, - Quant.:.....
preços válidos para abril de 1992.

FORMA DE PAGAMENTO:

- Reembolso postal comum
- Reembolso postal sedex
(o material e o porte serão pagos na retirada, no Correio)
- Cheque nominal à Rede de Comunicação dos Trabalhadores. Cheque nº Banco nº
valor: Cr\$
- Depósito na conta da Rede de Comunicação dos Trabalhadores - Banco do Brasil, Ag. 1189 - c/c 21.182-6
São Paulo - SP (remeter cópia do talão de depósito junto com o pedido).

Nome/Instituição:

Endereço: Bairro:

Cidade: Estado: CEP:

Fone: Data: / /



Rua Ouvidor Peleja, 112 - Vila Mariana - São Paulo - SP
CEP 04128 - Fone: (011) 275.5913 - Fax: 275.6318

JORNADA AQUECE LUTA

A partir de 27 de abril, e até 1º de maio, muitos milhares de trabalhadores rurais estarão realizando a 1ª Jornada Nacional de Lutas, com manifestações nas capitais de estados e comissão ampliada em Brasília, reivindicando antigas questões até hoje não atendidas, como crédito rural subsidiado para a pequena produção, terra para plantar, previdência e saúde. A essas, novas reivindicações foram incorporadas, também para resolver velhos problemas: terra para morar; salário digno; garantia dos direitos dos atingidos por barragens; e demarcação das terras e autonomia dos povos indígenas.



Primeira de uma série de três (as próximas em maio e julho), essa jornada foi precedida de "aquecimentos" em março, com ocupações de sedes do INSS, manifestações em muitas cidades do interior e nas capitais, audiência com ministros para apresentação das reivindicações e homenagem das mulheres trabalhadoras na Câmara dos Deputados. Agora em abril, há muita expectativa em relação aos eventos nos estados, no que diz respeito ao seu necessário caráter de massa.

A coordenação de todo o processo está centralizada no Fórum Nacional das Jornadas de Lutas, formado por nove entidades de atuação nacional: Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais da CUT, Movimento dos Sem-Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Comissão Indigenista Missionária (CIMI), Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Movimento dos Atingidos por Barragens, Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), Movimento das Mulheres Agricultoras e Pró-Central de Movimentos Populares. Esse Fórum é um avanço concreto na busca da unidade das lutas desenvolvidas pelas várias entidades atuantes no campo. E as jornadas também representam um avanço em direção à unificação da luta dos trabalhadores rurais com os urbanos.

MANOEL ALVAREZ



A batalha do mínimo

No Congresso, a proposta neoliberal versus a proposta dos trabalhadores.

A disputa sobre o salário-mínimo entra agora em sua fase decisiva, com a tramitação do projeto de lei do governo enviado ao Congresso. Uma comparação entre o projeto do governo Collor e o dos trabalhadores — defendido pelas três centrais sindicais e pela Contag, e elaborado com o apoio técnico do Dieese — revela o abismo entre eles. Mais do que duas políticas salariais opostas, o que a batalha do mínimo mostra são duas visões de futuro para o país.

CONDENADO AO LIMBO. A proposta de Collor revela, em primeiro lugar, a determinação de manter o salário mínimo no limbo ao qual foi conduzido após décadas de arrocho. O artigo oitavo do projeto governamental condiciona o aumento real do mínimo apenas à situação em que a sua variação real durante o ano for inferior à variação do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*. Quando isto acontecer, no mês de maio do ano seguinte, o reajuste do salário mínimo incorporará o aumento correspondente ao percentual de variação real do PIB *per capita*.

Ora, todos sabem que o PIB *per capita* no Brasil está praticamente estagnado desde a década de oitenta. E com a orientação francamente recessiva da política neoliberal em curso, teremos o cachorro mordendo

o rabo: a política de arrocho salarial é justamente uma das bases principais da orientação recessiva.

Com o salário-mínimo vigente em abril (50 dólares), um trabalhador da ativa que receba o mínimo ganha cerca de 665 dólares brutos ao ano, incluindo 13º salário e gratificação de férias. A renda *per capita* no Brasil equivale hoje a 2500 dólares. Fica clara a opção do governo também em manter a concentração da renda.

A proposta das centrais sindicais prevê uma política de médio e longo prazo de elevação gradativa do salário-mínimo. Sempre que o Índice de Reajuste do Salário Mínimo (IRSM-IBGE) alcançar os 20% ou no máximo a cada trimestre, o salário teria um aumento real de 30% da variação em cruzeiros da cesta básica alimentar. Isto valeria de maio de 1992 a maio de 1995. A partir de 1º de maio de 1995, o aumento real seria de 100% da variação em cruzeiros da cesta básica alimentar, até alcançar a meta de 5,4 vezes o seu valor de hoje.

DINÂMICA PERVERSA. O projeto do governo, que reajusta o mínimo a partir de maio próximo para 230 mil cruzeiros (o que equivale a cerca de 80 dólares quando do recebimento do primeiro salário), prevê uma sistemática complexa e perversa de reajustes. O sistema de re-

ajustes proposto por Collor vale, se for aprovado, para o salário mínimo, para a parcela salarial até três mínimos e para as aposentadorias.

Mantém o reajuste quadrimestral —escandaloso para o patamar atual de inflação— e antecipações bimestrais que não incidem sobre o valor oficial do salário mínimo. Cria um novo indexador —o Fator de Atualização Salarial (FAS)— que aumentará ou diminuirá o reajuste caso respectivamente a inflação do mês anterior for maior ou menor do que a média geométrica do IRSM nos quatro meses. Prevê ainda que se a variação mensal do IRSM for inferior a 10% por dois meses consecutivos, o governo

poderá suspender as antecipações bimestrais e transformar os reajustes quadrimestrais em semestrais

De forma límpida, a proposta dos trabalhadores prevê simplesmente que os reajustes se darão sempre que a variação acumulada do IRSM alcançar 20% ou, quando isto não ocorrer, a cada três meses.

JUAREZ GUIMARÃES



MILITARES

Em busca do soldo perdido

Líder espiroqueta toca num ponto sensível para todos: o bolso.

Na segunda-feira, 20 de abril, o presidente Fernando Collor anunciou um reajuste de emergência de 80% para os servidores públicos.

Com este reajuste, o governo espera esvaziar a passeata das mulheres dos oficiais das três armas que está marcada para o próximo dia 27, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. O movimento, autointitulado "Marcha pela Dignidade da Família Militar", está sendo liderado pelo ex-capitão do Exército e deputado federal Jair Bolsonaro (PDC-RJ). Nas últimas semanas, Bolsonaro fez uma série de discursos na Câmara e participou de várias reuniões com familiares de oficiais do Exército, Marinha e Aeronáutica em suas quadras residenciais em Brasília. Conhecido nacionalmente depois que a revista *Veja* o denunciou, em 1986, por ter supostamente

preparado um plano para explodir bombas em quartéis no Rio de Janeiro, também para protestar contra os soldos baixos, Jair Bolsonaro continua se portando como um incendiário. Chamou os ministros militares de "pelegos", "vendidos" e "três patetas" e disse que o ministro do Exército, Carlos Tinoco, é um "banana", por não defender as reivindicações de seus subordinados junto ao presidente Collor.

PANOS QUENTES. Na noite do dia 14, o deputado foi impedido por um pelotão de 200 soldados da Polícia do Exército de entrar na Super-Quadra Norte 108, onde seria realizada uma reunião para organizar a marcha do dia 27 de abril. O incidente, considerado uma afronta ao exercício soberano do mandato parlamentar, chegou a ser comparado ao episódio

Márcio Moreira Alves, que serviu de pretexto para a edição do AI-5 em 1968. Por outro lado, temendo um confronto entre o Congresso e as Forças Armadas, uma comissão de deputados procurou o chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Antônio Veneu, buscando uma fórmula apaziguadora.

No mesmo dia 14, o presidente Collor, durante solenidade de entrega de espadas aos oficiais-generais recém-promovidos, pediu paciência aos militares pela defasagem salarial. E, deixando entendido nas entrelinhas a menção aos movimentos golpistas da Venezuela e do Peru, Collor disse que "não se vai vitorioso da luta pelo progresso nem pela imposição de uma ideologia, nem muito menos pela violação constitucional".

Que o deputado-capitão

Jair Bolsonaro é um espiroqueta, não restam dúvidas. Mas também não há dúvidas de que ele levanta uma bandeira extremamente sensível para o setor armado do funcionalismo público. Sensível e de difícil solução. Afora as perdas provocadas pela conjuntura recessiva, há diferenças substanciais entre os salários dos militares e dos funcionários públicos civis.

Essas diferenças só podem ser sanadas depois que o congresso aprovar uma lei instituindo a isonomia salarial. O maior problema no entanto, como deixou claro o ministro da Marinha, Mário César Flores, citado pela revista *Isto é*, é a crise de identidade que as Forças Armadas sofrem atualmente.

ANTONIO CARLOS QUEIROZ
de Brasília

As chances do golpe

Cansado de guerra, o povo pode apoiar Fujimori se se der fim à guerrilha, garante professor.

“Se o presidente peruano Alberto Fujimori conseguir elaborar uma estratégia de neutralização da guerrilha do Sendero Luminoso, poderá garantir o apoio popular ao seu golpe de Estado.” A afirmação é do peruano Enrique Amayo, professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP. Segundo ele, “o povo está cansado da guerra, que já matou mais de vinte mil pessoas. Por isso, ainda que não tenham apoiado o golpe, estão dispostos a dar um voto de confiança a Fujimori”. “É preciso lembrar que o Legislativo e o Judiciário estão muito desgastados no Peru”, diz em entrevista ao **Brasil Agora**. “Se este apoio vai se prolongar, é um outro problema”, ressalva.

Para Enrique Amayo, “o novo regime peruano ainda não se caracterizou exatamente como uma ditadura militar. Trata-se, usando um termo em espanhol, de uma *ditablanda*. Fujimori quis se dotar de ins-

trumentos extraordinários para enfrentar a guerrilha, fugindo do controle que a oposição exercia sobre o Legislativo”. “Existem hoje no governo e nas Forças Armadas duas visões sobre o combate à guerrilha. A posição de Fujimori, que parece majoritária, é que o Sendero só pode ser derrotado por meio do desenvolvimento econômico, que eliminará as bases dos insurgentes. Essa facção vinha inclusive resistindo às pressões da Casa Branca, pela ‘militarização’ da guerra contra o Sendero e o narcotráfico. Há no governo, porém, defensores da tese de que só a guerra sem trégua pode eliminar os senderistas. Caso os *desenvolvimentistas* conservem o comando, pode haver uma chance de neutralizar o Sendero, mas se os *militaristas* assumirem a hegemonia, a guerrilha se transformará em pólo de atração para muitos opositores.”

MISÉRIA AGUDA. O professor não acredita na possibilidade de articulação a curto prazo de outra força opositora de

esquerda, independente do Sendero Luminoso. “É preciso lembrar que os senderistas não são guerrilheiros comuns. Eles empregam uma violência inédita no continente e, em seus cálculos, a guerra civil pode ter um saldo de até um milhão de mortos. Nos últimos meses, o alvo principal do Sendero eram lideranças de esquerda, que foram mortas às centenas. O Sendero está destruindo não apenas a democracia burguesa, como qualquer alternativa socialista independente”, declara.

Enrique Amayo afirma que o *autogolpe* de Estado no Peru, a tentativa de golpe na Venezuela e os rumores de golpe na Bolívia demonstram que “na América Latina, a democracia política está se desgastando porque não resolveu certos problemas econômicos básicos, e até agudizou alguns deles. A política neoliberal vem eliminando todos os mecanismos estatais de defesa do nível de vida da população. No Peru, o combate à inflação atirou mais de 70% da força de trabalho ao desemprego ou subemprego,

representado principalmente pelo cultivo da folha de coca; temos o mesmo Produto Interno Bruto de 1976, com uma população 20% maior”, lembra. “O problema é que o liberalismo é ótimo apenas para grupos reduzidos da elite. As massas populares em todo o continente estão cada vez mais desesperadas e, na busca de qualquer saída, podem até embarcar no apoio a outros golpes de Estado, caso a democracia política continuar não significando uma distribuição de renda melhor”, conclui.

JAYME BRENER

O Partido dos Trabalhadores emitiu nota oficial condenando o golpe de Estado no Peru. “A política econômica de Fujimori, segundo orientações do FMI, aprofundou a crise econômica, e sobretudo social, em que se encontrava mergulhado o Peru”, diz a nota. O documento conclama a “um amplo movimento de solidariedade com os trabalhadores e democratas peruanos”.

LÍBIA

Um susto das arábias

CIA, narcotráfico e traições na história que quase causou a invasão do país.

O roteiro estava prontinho para uma nova intervenção militar liderada pela Casa Branca, desta vez contra a Líbia do coronel Muamar Gaddafi, acusado de acobertar dois agentes de seu serviço secreto. Eles são suspeitos de explodir um Boeing norte-americano, matando 270 passageiros, em 1988. A ONU deu o primeiro passo rumo à guerra, ao aprovar um bloqueio aéreo e a expulsão de diplomatas líbios sediados em diversos países. Como Gaddafi não se dispunha

a entregar aos EUA ou a Grã-Bretanha os dois agentes, logo em seguida deveriam vir novas sanções, inclusive o bloqueio à exportação de petróleo, vital para a Líbia. Daí ao ataque militar, era um tirinho de espingarda.

Tudo parecia ir contra o coronel. A Casa Branca se recusava a aceitar a entrega dos agentes à Liga Árabe ou a governos neutros, como o de Malta. Se Gaddafi entregasse os agentes secretos, poderia enfrentar sérios problemas inter-

nos, já que um dos homens pertence à tribo do braço-direito do coronel, Abdul-Sallam Jalloud. Por fim, a Líbia - com metade da população do Iraque e poderio militar muito inferior - era um candidato ideal a novo “império do mal”, substituindo a URSS e o iraquiano Sadam Hussein na estratégia dos serviços secretos norte-americanos, que temem perder a boquinha e o orçamento devido ao fim da guerra fria.

DROGAS E TRAIÇÃO. Tudo parecia estar mesmo contra Gaddafi. Mas de repente, o improvável: um documento *providencialmente* filtrado para a revista *Time* diz que o Jumbo teria sido detonado por um narcotraficante sírio, Monzer al-Khassar, com a colaboração do palestino Ahmed Jibril, rival de Yasser Arafat dentro da OLP palestina. A coisa pega, porque o objetivo do atentado seria liquidar seis agentes da CIA, que teriam descoberto um acordo entre al-Khassar e a Casa Branca (isso mesmo, não é erro de revisão). O pacto previa sinal verde para as drogas de al-Khassar nos EUA, em troca de seu empenho na liberação de reféns ocidentais seqüestrados por xiitas libaneses. Drogas, espionagem e “traição” são ingredientes que a opinião pública norte-americana adora.

É claro que a revelação da *Time* não tirou Gaddafi da alça de mira do Tio Sam, ainda mais com George Bush em campa-

nha eleitoral. Mas o fato é que o líder líbio vai poder respirar um pouco, enquanto muita gente vai ter muito o que explicar. Começando pela Casa Branca e chegando aos regimes que apoiaram sem pestanejar as pressões para que Gaddafi entregasse dois de seus cidadãos a países que não têm qualquer tratado de extradição com a Líbia. Entre os governantes que deram o “sim” às sanções contra os líbios, está, é bom lembrar, o *moderno* Fernando Collor de Mello.

MÁRCIO KUHN

PIMENTA SEM REFRESCO

LINHA-JUSTA. O que é a natureza... Durante décadas a URSS - farol do socialismo - exportou para o Leste europeu e até várias sociedades da Ásia e África seu modelito de Estado centralizado, onde particularidades religiosas e nacionais eram desconhecidas, sufocadas, ou os dois.

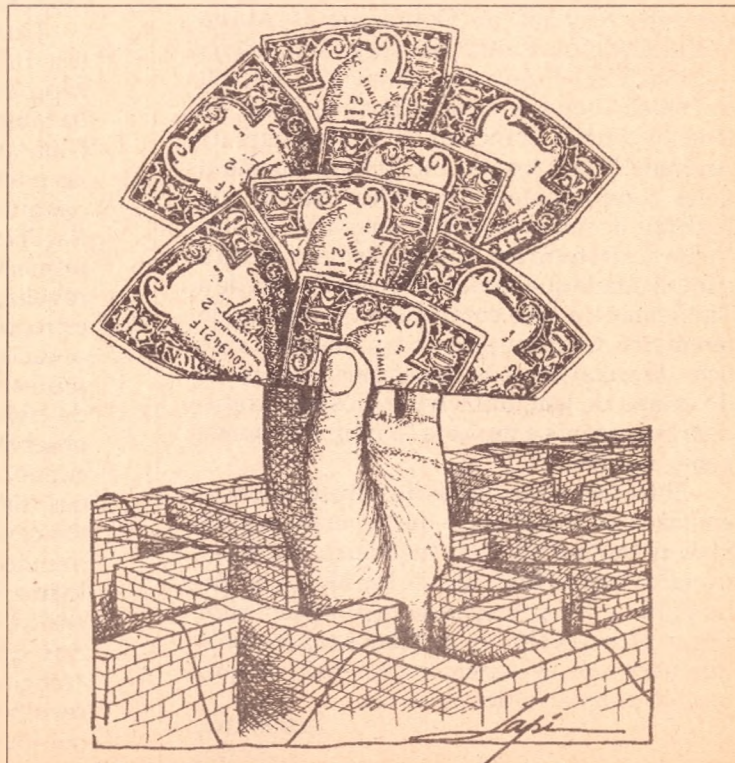
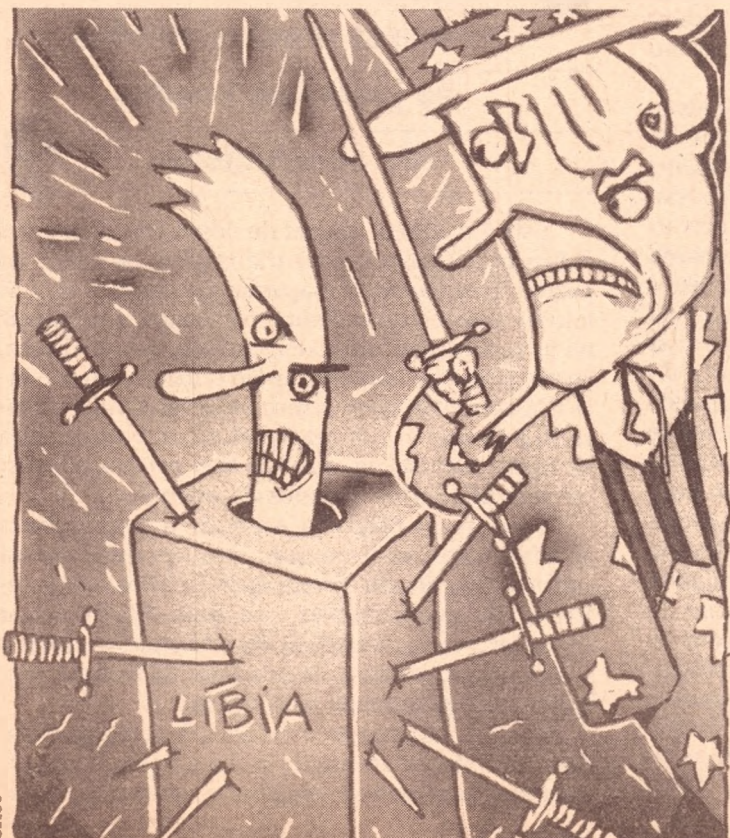
AFEGANISTÃO 1. Hoje em dia a URSS - mesmo falecida - exporta outra vez o modelito, agora de decomposição do Estado central, que traz à tona um formigueiro de reivindicações e conflitos religiosos, étnicos e nacionais. O mais novo cenário é o Afeganistão, onde quase vinte anos de regime pró-comunista estão dando lugar a um governo islâmico.

AFEGANISTÃO 2. O que não se sabe é qual governo islâmico, já que a ausência de um Estado unitário multiplicou os conflitos de todo tipo dentro da oposição muçulmana. Senão, vejamos: a maioria dos 20 milhões de afeganes são muçulmanos sunitas, mas há cerca de um milhão de xiitas. Além da divisão religiosa, existem no país meia dúzia de etnias: os *pashtu* (majoritários) e os *tadjiques* são os mais numerosos.

DISPUTA. Mas a divisão dos muçulmanos afeganes não é só de caráter religioso ou étnico. Os 200 mil guerrilheiros que derrubaram o regime comunista agrupam-se em quinze facções. Sete delas (as mais fortes) têm sede no Paquistão e oito no Irã. Há ainda grupos que recebem ajuda da Arábia Saudita, país que disputa com iranianos, paquistaneses, turcos e líbios a influência sobre o crescente fundamentalismo islâmico na Ásia.

PERIGO. Os confrontos podem se espalhar pelos países vizinhos, em que várias das etnias, credos ou grupos guerrilheiros afeganes em choque também estão presentes. Para se ter uma idéia do tamanho do problema, o Afeganistão faz fronteira com a ex-URSS, o Paquistão, o Irã e a China, onde, aliás, surgem sinais de atividade do fundamentalismo islâmico. Durma-se com um barulho desses...

JAYME BRENER



Um Brasil para Tiradentes

Brasileiro é povo de memória curta e a amnésia, um dos sintomas da perda de identidade. Desprovida de raízes e ignorando a própria história, uma nação ou pessoa fica mais vulnerável à submissão. Assim, abre-se mais espaço ao mimetismo, a ponto de muitos conhecerem melhor a Revolução Francesa do que a Conjuração Mineira; as viagens de Marco Polo do que o percurso da Coluna Prestes; a Guerra de Secessão do que o ataque ao Quilombo de Palmares ou o massacre de Canudos.

Por ocasião do bicentenário da morte da maior figura de nossa história - o alferes Joaquim José da Silva Xavier - fala-se mais em ministros corruptos ou na atriz da próxima minissérie que no significado do martírio de Tiradentes. Há uma lógica em tudo isso. A história do Brasil, pesquisada e registrada por homens como Capistrano de Abreu, José Honório Rodrigues e Francisco Iglésias, incomoda àqueles que preferem ignorar a versão dos índios, dos negros e de tantos que, neste país, lutaram por liberdade e justiça. A elite brasileira não suporta sua própria história. Por isso Rui Barbosa cuidou de queimar os arquivos da escravidão, como hoje se sonegam os documentos do regime militar.

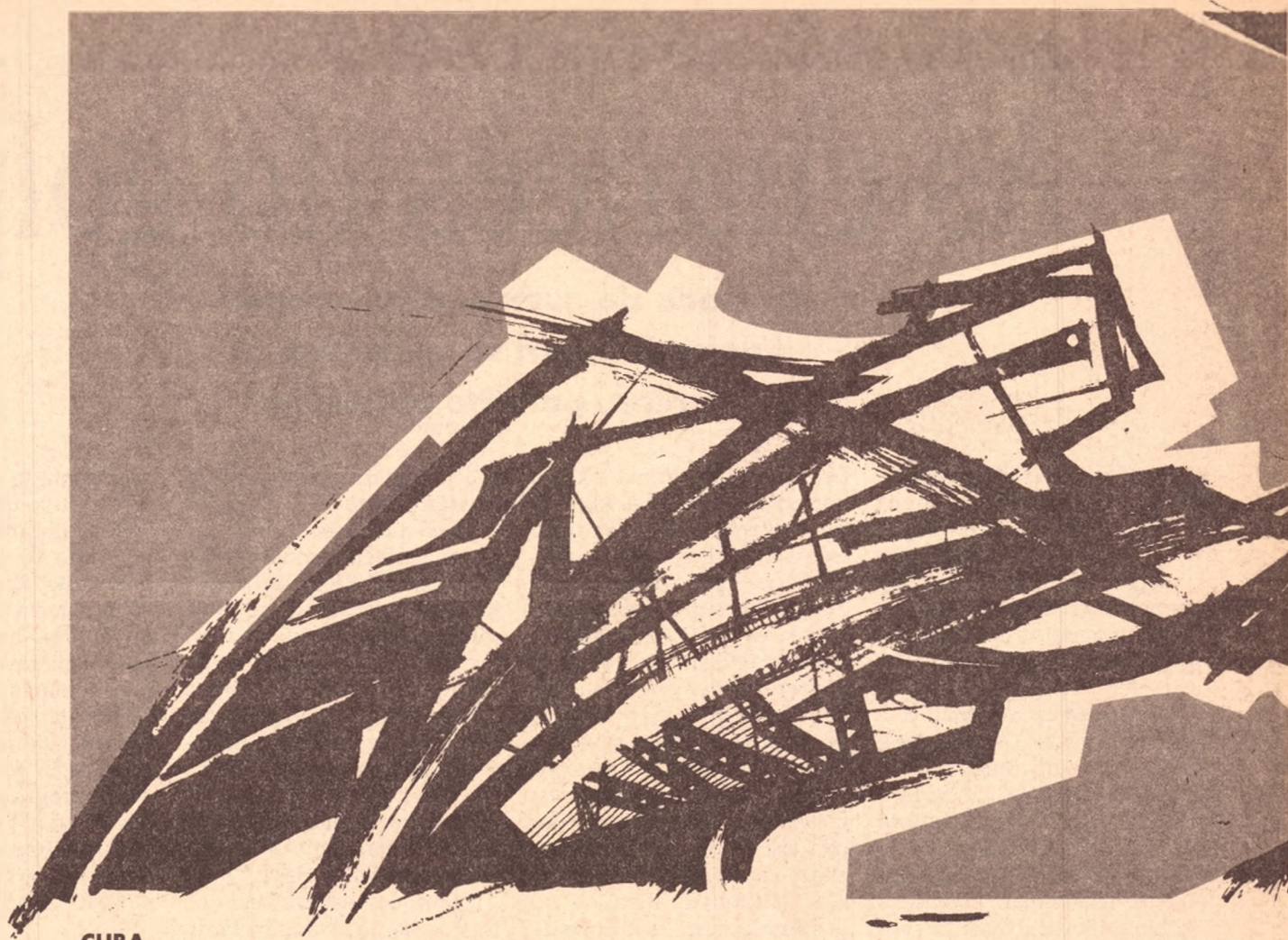
MULATOS E NEGROS. Aclamada como decisiva na conquista de nossa independência em relação a Portugal, a Conjuração Mineira teve implicações que ainda requerem melhores estudos. Uma delas é que ali se urdia uma república em bases econômicas e sociais que suprimiriam a escravidão. Em abril de 1789, Jerônimo de Castro e Souza, alferes, ouviu de Tiradentes, na casa de Valentim Lopes da Cunha, na rua do Ouvidor, no Rio, que havia na capitania de Minas Gerais "grande número de brancos, mulatos e negros, e que seria, em semelhante circunstância, fácil o dito levante". Inspirados pelas idéias iluministas da Universidade de Coimbra e na independência dos EUA, os líderes da revolta pretendiam fazer da derrama o estopim para se implantar no Brasil uma nova ordem social.

Os *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* registram as dúvidas daqueles que julgavam a emancipação dos negros prejudicial ao trabalho nas minas e na lavoura, como José Álvares Maciel e o coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes. Eram, porém, vozes minoritárias. Seria um contra-senso os escravos serem excluídos do lema proposto por Cláudio Manoel da Costa, "liberdade ou morte:" (*libertas aut nihil*) ou deste que predominou, sugerido por Alvarenga Peixoto - "liberdade ainda que tardia" (*libertas quae sera tamen*).

CUMPLICIDADE. No processo contra os conjurados, inúmeros escravos foram ouvidos. Entre os que de fato merecem a pecha de inconfidentes - os denunciantes - não consta nenhum deles. Na Ilha das Cobras estiveram presos os escravos Nicolau, de Domingos de Abreu Vieira; Cypriano Cabra, do cônego Luiz Vieira da Silva; Manoel, do coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes; e João Pardo e João Preto, do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. Vendidos em praça pública, nenhum deles comprometeu seu senhor, sendo que Nicolau acompanhou Domingos de Abreu Vieira ao desterro em Angola. Isso comprova a cumplicidade que havia entre eles. E concede a Tiradentes e a seus companheiros a honra de terem sido, também, pioneiros na luta pela abolição da escravatura em nosso país. Só homens do caráter de Joaquim Silvério dos Reis consideravam negros e mulatos "a última classe de gente desta terra".

Entre tantas denúncias de trabalho escravo em fazendas brasileiras - que levaram a Anti-Slavery International, da Inglaterra, a premiar o padre Ricardo Rezende, de Rio Maria, no Sul do Pará - e a disposição de o governo Collor pagar cerca de 4 bilhões de dólares aos credores internacionais, as comemorações do 21 de abril tornam-se atuais e desafiadoras.

FREI BETTO,
Escritor.



CUBA

Mensaje a los pueblos del mundo

Não podendo comparecer ao júri do Prêmio Casa das Américas de 1992, em Havana, o escritor paraguaio Augusto Roa Bastos enviou de Toulouse mensagem, lida na abertura dos trabalhos, onde analisa a situação cubana, as comemorações do V Centenário, e propõe um pacto ibero-americano de não-agressão, da qual publicamos os principais trechos.

Uma saúde precária numa cidade avançada me impede de realizar uma viagem tão desejada, para participar de viva voz e presença nestes trabalhos históricos da Casa das Américas. Não quero falar-lhes a partir de premissas políticas, sempre sujeitas a discussão, mas sim a partir de minha condição de trabalhador da cultura paraguaia e membro da comunidade cultural latino-americana, pois considero que todo o fato importante na vida das coletividades é, por natureza, um fato de cultura. Era uma oportunidade excepcional, e para mim talvez a última, para conhecer Cuba, seu povo, sua cultura, a mais avançada da América no que diz respeito à ordem social, o monumento vivo de sua Revolução, a última autenticamente independentista, e que por isso mesmo tem já seu lugar na história de nossa América como fecho e continuação da epopéia da emancipação deflagrada por Bolívar. A Revolução de Sierra Maestra é parte imperecível do patrimônio de nossos povos livres, autônomos, soberanos e interdependentes entre si; e é somente com um ultraje a todos eles que ela poderá ser agredida pelos detentores do poder hegemônico mundial.

Quando a Revolução desceu da Serra, há 33 anos, um furacão bateu às portas das metrópoles neocoloniais. Houve uma euforia enorme nos meios da burguesia progressista da América e da Europa. Uma vaga de esperança percorreu o cenário das lutas políticas contra a regressão, o atraso e a miséria das grandes massas submersas na barbárie da história. Foi um toque de alerta em escala mundial. Pela primeira vez em muito tempo havia na América uma revolução de fato política e radical, ao invés da estrepitosa selvagem a que nos tinham acostumados os caciques e grupos poderosos que ciclicamente se punham a saquear o Estado e a corromper a sociedade civil. O mundo se debruçou sobre Cuba, para observar este fato inusitado no mundo político americano. O triunfo da Revolução trouxe a Cuba um ciclo anual de celebrações, a que foram convidados dirigentes dos principais países democráticos do mundo. Nestes ágapes rituais, às presenças de um Juárez, de um Martí, de nossos próceres revolucionários, logo se juntaram bandos de oportunistas e dos que procuram prestígio político, todos "religados" por esta espécie de halo heróico do êxito revolucionário. Naquele tempo a Revolução Cubana, louvada e criticada ferozmente por distintos

magos da retórica burguesa e do etnocentrismo europeu, era "o fresco sopro romântico da Revolução Francesa que voltava a vibrar sobre a América"...

Naquele tempo não quis ir a Havana compartilhar do júbilo revolucionário. Creio que numa revolução não se atua por delegação, nem por gosto romântico da aventura, do exótico, ou do turístico. Eu, que fora expulso pela segunda vez de meu país graças ao delito ideológico de duas supostas viagens a Cuba em 1968, na realidade não a conhecia, paradoxo significativo dos "serviços de inteligência" da Megapotência.

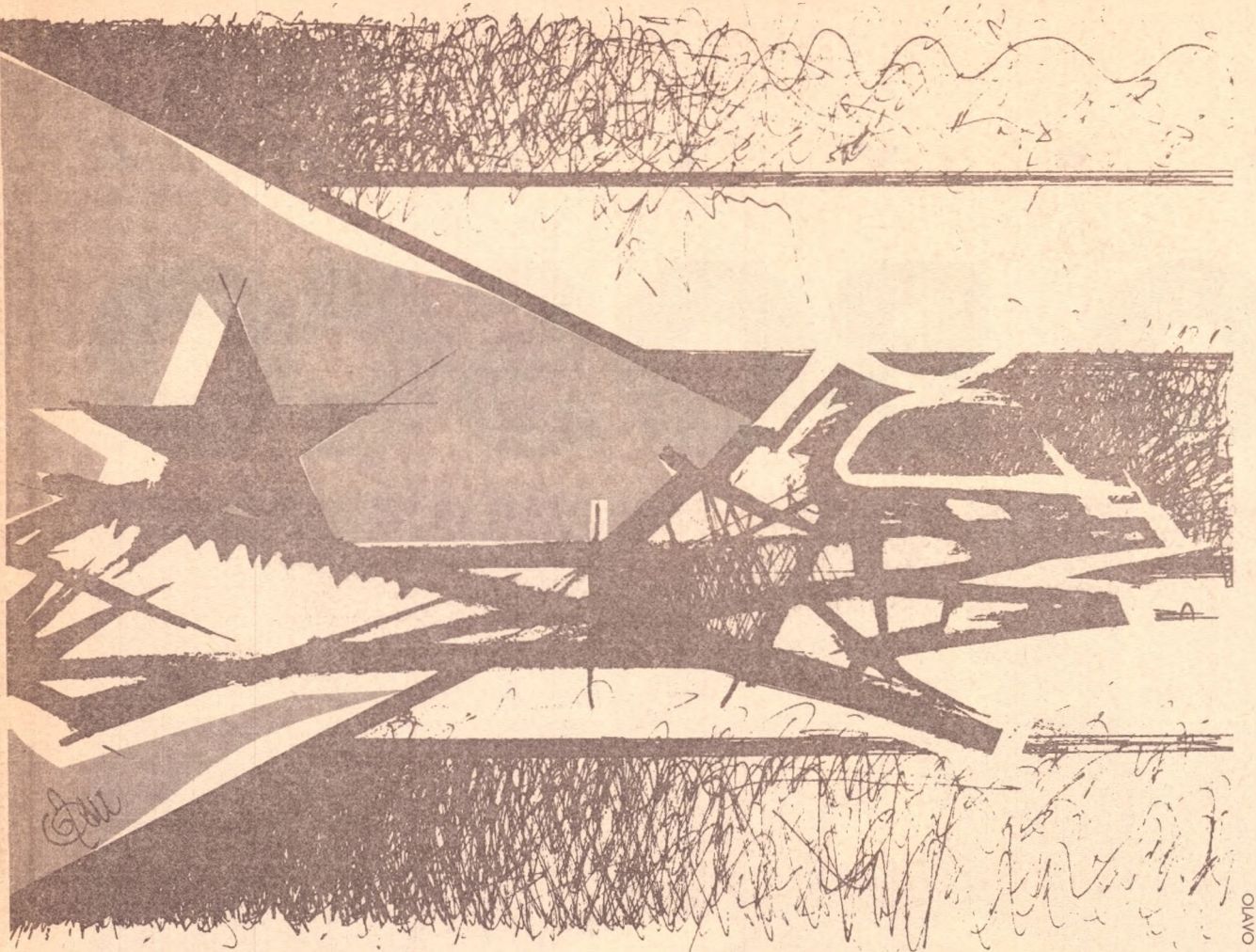
Não conhecia Cuba fisicamente, e não a conhecerei no que me resta de vida, mas meu fervor e devoção pela Revolução de seu povo, por seu destino exemplar na história de nossos povos, arderam sempre em meu coração de forma perene e inextinguível.

As presenças de nossos próceres revolucionários, se juntaram bandos de oportunistas.

Este é o debate central de nossa causa, que vai cumprir 500 anos de história trágica: ao invés da exaltação exacerbada e apenas apologética de um fato revolucionário autêntico, como a gesta de Bolívar ou as revoluções mexicana, cubana, ou sandinista, entre outras, promover o apoio crítico e necessário para que se cumpra a dialética revolucionária na lógica da história, que não tem padrões nem esquemas platônicos traçados de antemão.

Caso quase único na América, a gesta cubana admitiu e analisou, até os limites extremos de sua própria experiência e pertinência, dentro de sua realidade revolucionária, este apoio crítico exterior e interior, porque seus gestores e dirigentes naturais se formaram nesta escola de austeridade, razão, inteligência e pragmatismo políticos.

Em lugar daqueles convidados de ofício, que acudiam do exterior ao ritual revolucionário, como comensais barulhentos e aduladores, felizmente resta-



ram a Cuba e a sua Revolução amigos francos e leais, e entre eles muitos homens de letras de primeiro escalão intelectual e moral: Neruda, Cortázar, Garcia Marquez, Benedetti, entre outros. A adesão não se demonstra em festins, mas nas horas famintas e de penúria, de forma silenciosa, responsável e crítica, no trabalho anônimo e cotidiano, na ação a um tempo prático e visionária dos que tem fé e não miopia beata. O exemplo de Guevara é paradigmático.

Os falsos amigos, asfixiados pela própria mediocridade e ambição, se transformaram em inimigos da Revolução, e desde então se juntaram aos mais insistentes arautos do bloqueio norte-americano, da invasão da destruição de Cuba por contra-revolucionários animados e armados pelo Tio Sam, por seus centros de poder anexionista.

A derrota definitiva dos invasores em Playa Girón (prefiro Baía dos Porcos) mostrou a tèmpera da Ilha e desanimou, embora não para sempre, a obsessão dos que querem vê-la dobrada, rota, submissa, vencida, varrida, no rol dos povos anexados, sob a honra duvidosa das estrelas e das listas e presa das suas intervenções: Porto Rico, Granada, Panamá, metade do México no passado, que caíram sob a eficácia contundente da doutrina da "América para os americanos", trocada a garrote. A derrota no Vietnã exigia amortização em humilhações às custas do Terceiro Mundo, o que a Guerra do Golgo significou, ainda que de modo precário, embora empresa militar impecável e grande negócio financeiro, dado de bandeja pela política torpe de Saddam Hussein. Às vezes é verdade que os extremos se encontram.

O poder hegemônico agora não se satisfaz com a destruição da Cuba revolucionária presente. Com o ódio de Golias por Davi, quer destruir seu futuro, apagar a sua memória e apagá-la da memória, pois enquanto estes existirem existirá Cuba e seu legado revolucionário, semente inextinguível, fato e senda na história das Américas.

Quando demonizam o regime cubano, os administradores da Casa Branca nunca se perguntaram se este regime não é, em grande parte, produto da sua própria intransigência, do seu anátema sobre regimes que não se adaptem a um esquema de submissão incondicional, sob a heráldica do *Big Stick*. No passado houve liberdade e cumplicidade com a ditadura corrupta de Batista, que fez de Cuba um quintal, paraíso de jogatina e lazer para supermilionários ianques; agora, há bloqueio, sufoco e ameaça de invasão, contra uma Cuba transformada em fortim, que não pode baixar as armas nem a guarda diante de tais perigos. Estes cresceram, acrescidos de impunidade, pois Cuba já não conta com o contrapeso do apoio logístico da União Soviética, está à deriva de seu próprio destino.

A paz mundial, baseada, até a derrocada da URSS, na certeza da mútua destruição (*Mutual Assured Destruction*), e a atual manipulação, no mercado estratégico, dos botões do poder nuclear, começam a mostrar suas fissuras, envolvendo também o risco de uma proliferação descontrolada, pelo menos da parte dos coveiros do poder soviético.

Os centros reacionários da administração norte-americana se felicitam por esta "histórica" oportunidade em relação a Cuba. Mas a ordem mundial é algo mais complicado do que a simples agressão contra um país zeloso de sua autonomia, progresso e política independente, construídas com o sacrifício de seu povo. Não seria mais honesto e civilizado para os dirigentes mundiais da paz e da guerra abrir

negociações com a pequena nação do Caribe? Não seria mais humano e digno para quem se jacta de ser o árbitro da paz mundial, buscar um consenso internacional sobre Cuba, evitando assim um massacre e a mancha inevitável de mais uma guerra púnica - mais uma destas que já trouxeram descrédito para os Estados Unidos?

Nesta hora grave para o mundo, abalado por grandes cataclismas políticos, que os povos não de julgar, se impõe mais do que nunca a defesa de Cuba, diante da ameaça imperialista de invasão ou estrangulamento pelo nó corredio do bloqueio, na melhor tradição da lei de Lynch, oriunda do *Deep South*. Cuba e o Caribe são parte inextrincável da nossa América, a de Bolívar, San Martín, Juárez, Che, a dos patriotas que em nossos territórios subjugados sonharam e sonham com a liberação, a unificação e a integração de nossos países numa grande pátria americana.

A ordem mundial é algo mais complicado do que a agressão a um país zeloso de sua autonomia.

Cuba nos resta como o exemplo ardente, testemunho de que a resistência na dignidade, na indomável vontade de ser, de convencer da verdade de sua causa, de vencer em luta pacífica mas irrevogável, é o único caminho para a liberação de nossos povos. Enquanto houver um só território ocupado, ou sitiado pela maior potência da terra, nossa América não será livre nem haverá nela o espírito de uma autêntica democracia. À beira do próximo milênio, 700 milhões de seres humanos, unidos por sentimentos e interesses análogos, sobre o embasamento histórico, cultural, político e social que é patrimônio do Mundo Ibero-americano, virão consolidar seu peso específico, material e moral, na balança da história, no interior mesmo da superpotência (nas entranhas do monstro, como dizia Martí), que busca, por todos

os meios, subjugar e destruir a pequena e heróica nação do Caribe.

Nesta encruzilhada, devemos saber escolher nossos aliados, aí incluídos os países ibéricos, e construir uma potência real de paz e entendimento entre os povos, de integração dentro do respeito da autonomia e da soberania das coletividades, dentro da defesa dos Direitos Humanos, cujo fundamento é o direito à vida, à dignidade e à liberdade.

Durante 500 anos convivemos com o horror, incessante na memória, da hecatombe de nossos povos originários - a maior e a mais cruel do Oriente. Só no primeiro século da Conquista houve mais de 100 milhões de mortos, sem falar na destruição de suas culturas, algumas mais avançadas do que a européia no momento da chegada de Colombo ao que ele chamou de Índias Ocidentais, desconhecendo que descobria um continente já descoberto há milhares de anos por seus primeiros povoadores, que agora se devia conquistar, reduzir e escravizar.

Deve-se exigir o fim do bloqueio a Cuba como condição prévia a qualquer negociação.

O horror deste pesadelo de 5 séculos continua até hoje e não tem resgate, como só acontece com os holocaustos imperiais. Não é o possível mitigar a história dos vencidos nem escamoteá-la em nome dos falsos princípios maniqueus do homem do Ocidente. Assumamos nossa parte de culpa neste etnocídio. E, sem esquecimento, vivamos com os sobreviventes numa chave do futuro, de justiça, dignidade, reparação, aliança, respeito e reconhecimento de seus direitos, culturas, religiões e modos de ser. O verdadeiro sentido de se comemorar o V Centenário está contido, de certo modo, na aliança que os Chefes de Estado dos países ibero-americanos propuseram e acordaram em Guadalajara, em julho passado. Se referendada por todos os Parlamentos devidos, ela poderá ser a ata de fundação de uma aliança ibero-americana de todos os setores sociais, culturais, econômicos, multirracial, multicultural, que inclua as minorias marginalizadas, a dignificação da mulher, a proteção da infância e da juventude contra a fome e a miséria através de estruturas legais e institucionais constituídas.

Uma próxima reunião como aquela deve acordar uma cláusula de defesa e proteção contra agressões armadas do exterior e ingerência nos assuntos internos de qualquer país latino-americano, pondo assim um freio jurídico nos marcos direito internacional às contínuas intervenções norte-americanas na América Latina e no Terceiro Mundo. O mútuo respeito entre as Américas do Norte e Latina impõe maior comedito e responsabilidade por parte da maior potência mundial, que não pode se arrojar a toda hora o papel de juiz e gendarme de seu poder hegemônico. Por isso mesmo deve-se exigir o fim do bloqueio contra Cuba, como condição prévia a qualquer negociação, pois ele é parte de uma guerra psicológica e atenta contra os direitos humanos e a vida de milhões de seres humanos.

Não haverá nova ordem mundial baseada no direito e na justiça, se ela se edificar sobre uma perversão da democracia que a converta em paz armada ou em guerras de intervenção impostas pelo mais forte. O catastrófico exemplo da União Soviética deve lembrar às potências centrais que a ameaça de cair no Terceiro Mundo também bate às suas portas.

AUGUSTO ROA BASTOS
TRADUÇÃO: FLAVIO AGUIAR

20.000

ASSINATURAS

EXTRA, EXTRA: BRASIL AGORA QUER VINTE MIL ASSINATURAS

SÓ VINTE MIL?! FAÇA COMO O MAGRI: TRINTA MIL, NO MÍNIMO!



BRASIL AGORA ASSINE AGORA

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado a EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Brasil Fones (011) 220.7198, 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

END. _____

_____ Nº _____ APTO _____

MUNICÍPIO _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 27.500,00
- Assinatura para o exterior US\$ 50,00 (semestral)
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 57.500,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 90.000,00

JOÃO BOSCO

Mineiro de Ponta Nova, o engenheiro João Bosco tem 45 anos, 20 deles dedicados à música. Zona de Fronteira, seu 14º disco, lançado no final de 1991, foi considerado pelos críticos o melhor do ano, ao lado do Circuladô de Caetano. Entre as novidades, os parceiros: Waly Salomão e Antonio Cícero. Com Nico Assunção, percorre o país com o show que estará em junho no Japão e em julho na Europa, acrescido do percussionista Armando Marçal. A entrevista foi concedida a Cláudio Schuster e Linete Martins.

Você trabalhou muitos anos com Aldir Blanc. O que significa para a sua música essa nova parceria?

Um tempo atrás, com o Aldir Blanc, eu investia muito nas afinidades que nos elegiam como parceiros. A afinidade no trabalho com Waly e Cícero passou a se chamar total diferença. Agora eu estou investindo muito nesses projetos musicais, nessas coisas que vêm com idéias e que você executa sem se preocupar com o parentesco que tenha ou com uma idéia anterior ou com uma idéia futura. Então, isso está me dando uma liberdade muito grande de experimentações tanto sonoras quanto poéticas.

No novo disco, há um verso que diz: "Quando fantasio é quando sou mais sincero". Você acha que é isso mesmo que acontece com todos nós?

Essa é uma idéia que tem a delicadeza do pensamento poético, a delicadeza do pensamento delirante da poesia. Na verdade, todos nós gostaríamos de ser um pouco delirantes, falar o que queremos, o que pensamos, dentro de uma espontaneidade criativa e sem repressão, nem interna, nem externa. É na fantasia que você realmente cria uma situação diferente de seus movimentos diários.

Como artista, que tem a oportunidade de viajar por todos os cantos do país, qual é a cara do Brasil que você vê?

Quando eu era criança, costumava ouvir brincadeiras de outros garotos. Eles diziam que fulano era tão magro que quando a gente via de frente, parecia que estava de perfil e quando estava de perfil, parecia que já tinha ido embora. O país está entrando nessa dificuldade: se você olha o perfil do Brasil, não sabe bem se ele está de costas ou se ele já foi.

E como fica a criação num país atônito?



Num país atônito, a cabeça do artista tem que voar para criar

Eu faço uma coisa espontânea dentro daquilo que eu procuro como criação. Talvez aí esteja a coisa do "quando fantasio é quando sou mais sincero". Eu levo isso às últimas consequências. Mas a explicação da situação do país não é o meu trabalho que vai dar. Existe um comodismo muito grande por parte dos meios de comunicação, que não tentam induzir mensagens novas, pensamentos novos, idéias novas, propostas mais arrojadas. Em última instância, é uma sociedade com fins lucrativos, lucrando em cima de um teatro de horror.

Tem alguns momentos em Zona de Fronteira que eu considero brilhantes. Essa questão de um país para ser descoberto e de um país ao mesmo a se auto-explodir é uma dualidade com que nós estamos convivendo. Tem uma dualidade no disco que é essa realidade que nós temos e da qual precisamos partir para construir alguma coisa. E tem outra, que eu gosto muito, que é "minha cabeça voa assim, acima de todas as montanhas e abismos", quer dizer, não interessa essa posição econômica, política e social. Em relação ao artista, que interessa é que a cabeça tem que

voar. Artisticamente, você tem que estar acima dessas coisas.

Durante as temporadas de shows no exterior você percebe muita curiosidade das pessoas em relação à situação do Brasil?

Os estrangeiros ficam espantadíssimos com essa coisa de o Brasil ser tão exuberante. Temos festas animadíssimas onde a população participa de forma efusiva. Essa alegria da raça brasileira é anterior a problemas administrativos, políticos. Descendemos de povos que gostam de dançar, cantar, tocar, pular, correr, que têm vibrações boas. E é isso que o estrangeiro não entende. Estamos pulando de alegria de quê?

E o carnaval do Rio de Janeiro, dominado pelos bicheiros?

Esse é o carnaval da televisão. Mas na sexta e no sábado, na avenida Rio Branco e na Marquês de Sapucaí, tem outros blocos, outros grupos. O carnaval não é apenas o que você vê no jornal e na televisão. A alegria resiste.

Como seria o samba plataforma nos tempos do Collor?

Antes existia um cordão de isolamento explícito. Hoje, esse sistema que está aí tem meios muito mais sofisticados. Os

cordões são de laser. Antes a gente demonstrava uma certa crença na peleja, no jogo. A diferença é que hoje as pessoas não acreditam mais no jogo, o jogo é roubado. Antes, as pessoas tentavam romper esse cordão porque elas queriam participar do jogo. Hoje já sacaram que o juiz é comprado, o jogador está subornado. Por isso é que nós estamos nesse impasse político. A solução política pressupõe a participação do cidadão e você vê que no Brasil o cidadão não dá a menor importância à sua cidadania, porque não faz nada com ela. A liberdade de imprensa existe neste momento, mas a Justiça ainda não funciona. Ela é morosa, tem dificuldade em identificar os responsáveis e a morosidade acaba fazendo com que um caso de corrupção tire outro das manchetes. "O que fazer agora? Dispara um trem bala veloz feito luzes".

Devolvendo a pergunta, o que fazer agora? Como cidadão, politicamente, o que você pensa?

Na época da repressão eu fui de diretórios, centros acadêmicos, ajudava a imprimir jornais. Cheguei a ser expulso por dois anos de uma socieda-

de arrecadadora de direitos autorais. Deixei de receber meus direitos autorais na época em que minhas músicas estavam bem executadas. Essa sociedade arrecadadora publicou editais dizendo que eu era agitador político. Hoje eu me sinto totalmente incapaz de intervir em alguma coisa. O trabalho político que o sistema consegue fazer é a dissociação. É a separação da solidariedade. A gente pensa em se defender da bala perdida, do assalto do punquista e do assalto do ministro. As pessoas constroem os seus próprios presídios. No Brasil, até o próprio raciocínio econômico é ignorante. A pessoa age economicamente como se fosse a única que vai sobrar no mundo. Isso não é esperteza! É burrice, é falta de luz, porque eu tenho que existir economicamente na medida em que você possa comprar o que eu fabrico ou que eu possa comprar o que você faz. Nós estamos vivendo num mundo onde esse equilíbrio fudeu. Você chega no Rio de Janeiro, tem milhões com nada e três ou quatro com tudo, que se fecham em fortalezas com câmeras de TV, nesses blindados, e acham que felicidade é isso.

EXTRA, EXTRA: PRÓXIMO AUMENTO DO MÍNIMO SERÁ SÓ EM AGOSTO!

ATE' LA' A GENTE MORRE DE DESGOSTO???



BRASIL AGORA

QUEM PODE, SACA E SACANEIA. QUEM NÃO PODE, SAQUEIA!!

